

## **Minha aventurosa vida com o ICOFOM, a Museologia, os museólogos e os anti-museólogos, com especial referência ao ICOFOM *Study Series***

My adventurous life with ICOFOM, the Museology, museologists and anti-museologists, with special reference to the ICOFOM Study Series

Vinos Sofka\*

Tradução e comentários: Tereza Scheiner



Os Editores de *Museologia e Patrimônio* finalizavam este número da Revista quando foram surpreendidos pelo falecimento, em Estocolmo, de Vinos Sofka - personalidade emblemática do campo da Museologia.

De origem tcheca, Sofka emigrou de seu país para a Suécia em 1968, por ocasião da Primavera de Praga, por dissidência e total incompatibilidade com os “dois perversos sistemas políticos e ideológicos” aos quais seu país esteve submetido, durante e após a Segunda Guerra: “o Nacional-Socialismo alemão e o comunismo totalitário baseado na União Soviética”, que restringiam severamente, segundo comenta, os direitos humanos. Na Suécia, fixou residência e adotou nova nacionalidade, sem entretanto abdicar de sua nacionalidade anterior. A partir de 1989,

---

\* Uma visão muito pessoal de uma pequena parcela da História Contemporânea da Museologia, um estudo que se tornou, devido a imprevisíveis eventos da segunda metade do Século Vinte, uma preocupação muito pessoal que evoluiu para uma busca do coração e da mente de Vinos Sofka, cidadão Sueco de origem Tcheca, escrito pelo próprio em abril de 1995 quando da reedição de todos os volumes do ICOFOM Study Series 1983-1991.

dividiu-se entre os dois países, desenvolvendo uma ação decididamente transformadora para o ensino e a pesquisa no âmbito dos museus e da Museologia, em dimensão mundial.

Membro ativo do ICOM, Sofka vinculou-se em 1978 ao recém criado Comitê Internacional de Museologia - o ICOFOM, passando a desenvolver no Comitê uma ação sistemática de identificação, pesquisa, debate e difusão de temas concernentes ao que ele defendia como 'um novo campo disciplinar'. Esta ação resultou na consolidação do ICOFOM e na criação, edição e publicação, entre 1980 e 1989, de mais de 30 volumes, com cerca de 4.350 páginas de textos originais sobre teoria museológica, em diferentes idiomas<sup>1</sup>. Pela excelência de seu trabalho e pelos resultados alcançados na articulação de saberes sobre os museus e o patrimônio, especialmente entre Estados polarizados pela Guerra Fria, Sofka foi agraciado, em 1991, com o título de Doutor *Honoris Causa* em Filosofia pela Universidade de Uppsalla, Suécia - um importante centro de ensino e pesquisa do continente europeu.

Em 1990, foi designado Diretor do Conselho Científico e Pedagógico da Escola Internacional de Museologia da Universidade de Masaryk, em Brno, na [agora denominada] República Tcheca. Em 1994 criou, junto à mesma Universidade, uma Cátedra UNESCO sobre Museologia e o Patrimônio Mundial; e um projeto internacional de pesquisa, Patrimônio, Museologia e Sociedades em Transformação - que tinha como objetivo analisar os câmbios sociais, econômicos e culturais resultantes das transformações políticas e ideológicas no antigo Bloco Soviético. Seu objetivo maior - infelizmente não realizado - era transformar a instituição num futuro Centro UNESCO para Estudos Avançados e Pesquisa em Museologia e o Patrimônio Mundial.

Em 1995, criou e passou a dirigir o Movimento Internacional "Da Opressão à Democracia", destinado a documentar e analisar a memória dos antigos Estados totalitários, utilizando o patrimônio de forma criativa. O Movimento enfatiza a importância do patrimônio para os movimentos de auto-reconhecimento e de empoderamento das sociedades pós-totalitárias, em diferentes contextos geopolíticos<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Sofka foi o responsável pela editoração, edição e divulgação de 2 volumes do *Museological Working Papers* (MuWop), 10 volumes do *Museological News* (MN) e 18 volumes do *ICOFOM Study Series* (ISS), num total de 4.342 páginas de textos de autores de diferentes países. Somam-se a estes outros volumes e textos de sua própria autoria, publicados em tcheco, sueco, inglês e francês.

<sup>2</sup> Profissionais de vários países aderiram a este projeto. No Brasil, gerou-se o projeto permanente de pesquisa "Patrimônio, Museologia e Sociedades em Transformação: a experiência latino-americana", criado em 2001 e desde 2006 vinculado ao PPG-PMUS. Em 2004, o Dr. Vinos Sofka aceitou sua inclusão ao Programa, como pesquisador associado.

No ICOM, ocupou sucessivamente importantes posições: Coordenador<sup>3</sup> do ICOFOM entre 1983 e 1989; membro do Conselho Executivo, entre 1989 e 1992; Vice-Presidente, entre 1992 e 1995. Em reconhecimento ao trabalho desenvolvido na Organização, em 2007 foi agraciado por aclamação, pela Assembleia Geral do ICOM reunida em Viena, Áustria, com o título vitalício de Membro Honorário do ICOM.

Para homenagear esta importante personalidade, o Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS solicitou ao ICOFOM autorização para traduzir e publicar o texto a seguir, no qual Sofka apresenta um interessante relato, onde a história do ICOFOM e da implementação do campo museológico se confunde com sua trajetória pessoal. Como dissidente e com sua experiência como Doutor em Ciências Jurídicas, faz uso de um vocabulário politizado, referindo-se ao processo de constituição do Comitê Internacional de Museologia como uma conquista ideológica; e aos membros do ICOFOM como “militantes na luta pela museologia e na busca de seus fundamentos”.

Por este relato vemos que, mais que um teórico, Sofka foi um grande estrategista - capaz de articular corações e mentes numa grande ágora, um “oásis no mundo das confrontações”, onde profissionais do Leste e do Oeste “se encontravam, como se inexistisse o mundo exterior das suspeitas, desconfianças e descrédito, numa atmosfera de entendimento (...) em torno de questões comuns”. Um homem de singular e rara visão e com uma excepcional capacidade de congregar pessoas, de todas as nacionalidades e campos do saber. Um profissional verdadeiramente inclusivo, muito além do discurso.

Graças ao seu esforço pessoal, o ICOFOM expandiu-se de um pequeno grupo de pesquisadores do Centro e Leste europeus em todas as direções, transformando-se no que hoje é: o maior grupo acadêmico de estudos e pesquisas sobre os museus e a Museologia, onde estão representados dezenas de países e instituições, de todos os continentes. Graças a Sofka, as primeiras discussões teóricas aprofundaram-se e permitiram a constituição da Museologia como um novo campo disciplinar - um campo independente, com teoria e metodologia próprias e uma terminologia específica, que delineia os contornos de uma linguagem de especialidade em construção.

---

<sup>3</sup> O termo original que caracterizava as chefias dos comitês nacionais e internacionais do ICOM era ‘*chairperson*’ (coordenador). Talvez por influência do modelo francês, ao final dos anos 1990 passou-se a utilizar o termo ‘*president / président / presidente*’, que causa alguns mal-entendidos, sobretudo entre os profissionais não-membros do ICOM, que não chegam a compreender porque nesta Organização Mundial existem tantos presidentes. No ICOFOM, utilizou-se ‘*chairperson*’ até 1989, e ambos os termos - ‘*chairperson*’ e ‘*president*’ até 2001, dependendo da nacionalidade de quem chefiava o Comitê. A partir de 2001 passou-se a utilizar apenas ‘*president*’ [N.T.].

Tivemos a honra, a satisfação e o orgulho de integrar essa ‘grande família’ criada por Sofka: a *família* ICOFOM. Com ele nos certificamos de estar no caminho certo, ao abraçar a paixão pela Museologia. Com ele aprendemos a ser mais abertos, mais pacientes, mais inclusivos. Aprendemos ainda que, depois do trabalho duro, é hora de rir e dançar.

É, pois, com imensa saudade que lhe rendemos esta última homenagem - traduzir para o português e difundir entre os leitores lusófonos um relato pessoal sobre a sua trajetória, certos de que seu nome e sua imagem ficarão para sempre entre nós, como exemplo do profissional de visão e do notável ser humano que foi.

Teresa Scheiner  
Coordenadora, PPG-PMUS  
Vice-Presidente, ICOM

### **1. Esclarecimentos necessários sobre a razão e os motivos para escrever este tratado, e as condições e circunstâncias que devem ser consideradas para compreendê-lo**

“Você escreveria algumas reminiscências sobre a sua aventureira vida com o ICOFOM e a Museologia? Eu gostaria de publicá-las na reedição de nosso ICOFOM Study Series”, disse Martin Schärer, o então Coordenador do Comitê Internacional de Museologia do ICOM (ICOFOM) e iniciador da publicação de todos os volumes do ISS sob a forma de uma coletânea, num telefonema para mim pouco antes do final do ano de 1994-1995. “De outro modo tudo o que você pensou, pretendeu e experimentou, tanto do lado positivo como negativo, engraçado e agradável, ou triste, aborrecido ou ainda desapontador, e o que tentou realizar e realmente desenvolveu durante seu período no Comitê, e especialmente como seu Coordenador - e Editor de suas três publicações periódicas -, será esquecido e perdido”, acrescentou.

Ele estava certo, pensei, mesmo sem muito desejo de escrever memórias. Eu não me considero ainda “na idade apropriada para memoriais”. Além disso, estava afogado em muitas tarefas urgentes, em plena atuação no Conselho Internacional de Museus (ICOM) e contava com muito pouco tempo. E ainda mais, tinha que ocupar-me de minha nova e mais recente responsabilidade, a Cátedra UNESCO de Museologia e Patrimônio Mundial, na Universidade de Masaryk, em Brno, República Tcheca. Mas também havia aprendido uma lição da peculiar trajetória de minha vida:

você nunca sabe quando as coisas irão mudar inesperadamente e nunca terá outra oportunidade de fazer o que pode fazer agora.

Então, concordei em escrever - mas não um estudo histórico, baseado em pesquisa e análise crítica de todas as fontes disponíveis: declarações, programas, planos, minutas ou relatos. Minha contribuição para a história do Comitê deveria ser a minha própria história, contando sobre as minhas ideias, reflexões, reações, observações e experiências, conforme eu as lembrava. Seria uma nova fonte, uma fonte adicional, se assim se pode dizer, complementando as já existentes. Uma fonte que deveria ser comentada e, esperava eu, até mesmo ampliada com histórias escritas por outros militantes na luta pela museologia e na busca de seus fundamentos. Apenas assim se poderia obter uma imagem real da atmosfera, condições, eventos e conquistas do período do ICOFOM no qual, de um pequeno grupo de 30-40 pessoas, nos tornamos, ao final dos anos 1980, um importante corpo do ICOM com mais de mil membros [provenientes] de mais de 90 países - os quais, devotados a sua tarefa e missão museológicas, continuam hoje com seu trabalho. Entretanto, ainda que limitado a minha própria história, o campo a ser mapeado é enorme - e portanto me concentrarei agora em nossas pré-edições, os ICOFOM Study Series (ISS), que são o foco de nosso interesse, e a tudo o que se relaciona à sua gênese, publicação e continuada existência.

Isto torna a tarefa mais fácil de realizar, ainda que não exatamente simples: o ISS, desenhado sob a forma de pré-edições para os simpósios anuais do ICOFOM, tornaram-se o mais importante instrumento contenedor do corajoso programa de pesquisa do Comitê e distribuindo os seus resultados. Focalizando a primeira década de pesquisa pelos fundamentos da museologia, este programa segue em curso e ainda terá muitas questões museológicas para abordar nos anos vindouros.

O programa e o ISS eram e são, naturalmente, inseparáveis da vida ao seu redor. O próprio Comitê, um corpo de profissionais interessados em museologia e em sua missão profissional e muitos a ela devotados, era e é não apenas uma associação que organiza um encontro científico por ano. Ele deve tornar-se um organismo vivo, com mais e mais participantes envolvidos em uma ação muito mais ampla. Os contatos profissionais entre eles, baseados em interesses comuns, desenvolveram-se ao longo dos anos em relações duradouras de amizade, e uma atmosfera de espírito familiar estabeleceu-se.

Tudo isso ocorreu num momento muito especial que se iniciou alguns anos após a Segunda Guerra Mundial e terminou com a queda do Muro de Berlim, em 1989: o mundo dividido com sua cortina de ferro e as tensões da guerra fria, o medo de um conflito nuclear, a falta de democracia e a negligência dos direitos humanos em

muitos lugares, não criaram condições favoráveis para contatos livres, discussão aberta e ampla ação do Comitê para além das fronteiras numa organização internacional, mesmo sendo esta organização, o ICOM, de caráter não-governamental e portanto teoricamente independente das realidades geopolíticas entre os estados. Isto era, naturalmente, uma ficção: o ICOM tinha que aceitar que seus comitês nacionais estivessem sujeitos às condições políticas dos respectivos países, e alguns destes não eram livres, e nem os segmentos internacionais do ICOM podiam ignorar as posições das superpotências, que apenas lentamente, pelo reconhecimento de uma crescente globalização do mundo e uma crescente interdependência nos anos 80, mudavam da confrontação para a percepção de que a colaboração era fortemente necessária. Entretanto, a despeito dessas circunstâncias, através dos anos o ICOFOM tornou-se um oásis no mundo das confrontações, onde – como declarou Villy Toft Jensen, um real veterano do ICOFOM, em um de nossos encontros, em meados de 1980 – as pessoas do Leste e do Oeste se encontravam, como se inexistisse o mundo exterior das suspeitas, desconfianças e descrédito, numa atmosfera de entendimento, tolerância e amizade, em torno de questões comuns; trocavam ideias e trabalhavam juntos com um objetivo comum. E o ICOFOM, que desde 1982 abrigava como Coordenador e editor de seus periódicos um refugiado da Tchecoslováquia que havia recebido asilo na Suécia, era certamente um grupo internacional.

Eu compartilhei com o ICOFOM suas alegrias e tristezas desde 1978. As tarefas como editor (1979), membro da Diretoria (1980) e Coordenação (1982-1989) trouxeram desafios e responsabilidades. Para mim, eram antes de tudo uma expressão de confiança, reconhecimento e amizade. Eu tive o privilégio de ser parte de um entusiástico time mundial, que era verdadeiramente um *'dream team'* para liderar. Temos que manter unida nossa grande família e preservar sua memória. Eu irei, com prazer, contribuir para este objetivo com uma modesta tentativa relacionada ao nosso ISS. Espero que todos os meus velhos amigos estejam a partir de então prontos a participar, escrevendo a história do ICOFOM.

**2. Informação Adicional - para melhor conhecimento do autor deste tratado, seu *background*, características, experiência de vida e realizações, com especial ênfase no seu compromisso museológico, necessário para capturar sua mensagem e julgar a relevância e utilidade de sua história como fonte para a história do ICOFOM**

**Fases: Tcheca - Sueca - Mista**

É difícil dizer se foi por acaso, pela fortuna ou por ordem do destino, que minha vida tornou-se tão intimamente associada aos museus, à Museologia e aos

museólogos. Posso ver muitos fatores na longa estrada que levou a esta relação duradoura, das extraordinárias circunstâncias externas com as quais tive que lidar ao meu contexto de origem, disposição pessoal, experiência, e às pessoas boas e más que encontrei. Sinto que todos desempenharam algum papel na formação de meu complexo passado.

Olhando para trás, posso, entretanto, declarar com absoluta certeza que em minha juventude, entre o final da escola secundária, quando refletia sobre o rumo que tomaria minha vida e uma formação ou treinamento profissional adequado, não existia, entre todas as alternativas, nenhuma sequer relacionada ao campo no qual hoje me encontro envolvido até as orelhas. Eu havia então decidido, entre 1947-1948, estudar direito e tornar-me *advogado*, eventualmente visando uma carreira no serviço diplomático.

Agora, em 1995, quarenta e sete anos depois, sou um museólogo, e estou certo de que jamais me teria tornado um se não houvesse vivido num tempo governado por dois perversos sistemas políticos e ideológicos: a norma aterrorizante do Nacional-Socialismo alemão e a supremacia do comunismo totalitário baseado na União Soviética - que, usurpando para eles mesmos, sem nenhum respeito pela dignidade humana, a autoridade sobre a vida e a morte em suas próprias e em outras nações, retiravam das pessoas, ou restringiam severamente, seus direitos humanos - tais como a liberdade de pensamento, a liberdade da palavra e de tudo o mais - e o poder de decisão sobre si mesmas e seu próprio destino. Este foi o fator decisivo, mas não o único, o ponto de partida do tortuoso e espiralado sendeiro de minha vida.

### ***As três fases geopolíticas da vida do autor***

Seria uma longa história relatar tudo o que ocorreu em minha vida, e devo evitar isso aqui. De meu nascimento e uma agradável infância na Tchecoslováquia à ocupação alemã de minha terra natal e o reinado de horror de Hitler em 1939-1945, ao golpe de estado comunista em 1948, iniciando outra era de terror sob Stalin e seus sucessores, e finalmente à breve mas excitante Primavera de Praga em 1968, com a promessa de restauração da democracia e da dignidade humana, houve muitos dias felizes e esperançosos, mas também dias de tristeza e desespero.

Então, após a fase Tcheca de minha vida veio a fase Sueca, quando eu decidi, após a invasão de meu país em agosto de 1968 pelas forças militares da URSS e outros estados do bloco socialista, deixar o país e continuar minha vida no exílio como refugiado político na Suécia, o país que, tendo oferecido asilo a mim e a minha família, bem como moradia e trabalho, tornou-se minha nova, segunda pátria, na qual tenho vivido desde o final de 1968, tendo obtido, em 1976, a cidadania sueca.

A terceira fase de minha vida, iniciada com a “Revolução de Veludo” em minha terra natal ao final de 1989, é uma fase mista, ao mesmo tempo tcheca, sueca e internacional, pautada por novas e excitantes tarefas, reconhecimento e experiências, mas também pelo uso da sabedoria da vida apreendida ao longo do tempo passado.

### ***Fase Tcheca: as três profissões do autor - sem tirar nem por***

O motivo pelo qual eu tenho três profissões - advogado, trabalhador e pedreiro, e finalmente a última e mais duradoura, museólogo - é outro traço de minha vida que não é fácil explicar. Dada a relevância do aspecto que contempla a museologia, tentarei dar uma breve resposta:

. Eu me tornei um *advogado* ao receber meu diploma de Doutor em Jurisprudência (JUDr, LLD) pela Universidade Charles, em Praga, em 1952. No melhor estilo das contradições irracionais do regime, eu pude ouvir, entretanto, a respeito dos procedimentos para o trabalho obrigatório por três anos em diferentes escritórios, iniciado imediatamente após a cerimônia de graduação, a mensagem do oficial político da Universidade encarregado da pureza política e ideológica dos estudantes: “Não há emprego para você como advogado”.

Como de praxe, nenhuma explicação foi dada; e eu apenas podia imaginar qual seria a razão. Tendo sido preso durante meus estudos na primavera de 1950 e colocado na prisão por quase dois meses, sob pressão psicológica, com outros 8-12 criminosos reais, em uma cela diminuta com uma cama e um toalete aberto, para confessar atividades suspeitas de traição objetivando derrubar o governo dos operários e trabalhadores rurais, como o Partido Comunista cinicamente denominava sua opressiva norma, eu assumi que esta poderia ser uma das estratégias usadas. E aprendi sobre o outro, real motivo 16 anos mais tarde, na atmosfera livre da Primavera de Praga: na avaliação política sobre a minha pessoa, o Partido Comunista na Universidade, integrado por meus companheiros estudantes, havia chegado à conclusão, em 1952, que durante os meus estudos eu estivera “na dianteira da célula reacionária antissocialista da Universidade, tentando derrubar” - de novo - “o regime”. Esta mancha em minha ficha, que era mantida secreta, acompanhou-me entretanto por todos os lugares durante a fase socialista Tcheca de minha vida até 1968, e mesmo mais tarde, quando nos anos 80 eu visitei o país como cidadão sueco e sempre tinha a polícia secreta em meus calcanhares. Agora, como antes, eles haviam esquecido de me informar que extraordinariamente hostis explorações esperavam de mim, e eu nunca descobri como satisfazer sua imaginação doentia.



. Com a carreira jurídica eliminada, mas convencido de que era capaz de sobreviver sem a permissão comunista, eu consegui emprego como *operário* na empresa de construção municipal de minha cidade natal. Após um ano senti que poderia ter um trabalho mais qualificado e pedi permissão para tornar-me pedreiro. Em 1954, recebi meu certificado desta segunda profissão.

. Com a idade de 27 anos, tornei-me empregado, em novembro de 1956, na Academia Tchecoslovaca de Ciências, no Instituto de Arqueologia em Brno, como chefe do departamento de administração e de organização; e pude ascender à categoria de funcionário qualificado (*working intelligentsia*). Em nome dos absurdos, mesmo aqui, para os detentores do poder, esta era uma oportunidade de demonstrar sua supremacia e direito de supervisionar. Uma campanha em curso com cartas anônimas contra o diretor e o vice-diretor imediatamente me adicionou ao seu repertório com um renovado conjunto de novos crimes antissocialistas de minha autoria. Duas comissões especiais, uma do Partido e outra da polícia secreta, me seguiam ou convocavam periodicamente durante o período de 1957 a 1962, para lembrar minhas ultrapassagens e propor medidas corretivas - com a exceção da oferta de filiação minha ao Partido. Essa “punição” era um benefício para mim, como era minha profissão de operário - pedreiro, que ninguém poderia tirar de mim. Ela me deu certa liberdade. Eu fui poupado de “prostituir-me” apegando-me ao meu trabalho intelectual “refinado”, como precisavam fazer aqueles que dependiam da única profissão que tinham, caso não estivessem prontos a arriscar a mudança de um trabalho de escritório por um trabalho manual.

Um fato novo, um triste evento - o falecimento, ao final de 1962, do Vice-Presidente da Academia de Ciências, Prof. Jaroslav Böhm - trouxe consequências diametralmente novas para mim: não um pesadelo Kafkiano, mas uma contradição favorável. Böhm estava organizando as celebrações do 1100th aniversário do início da literatura Eslavonica em 1963, declarado Ano Comemorativo pela UNESCO. Era um imenso projeto com uma conferencia internacional, esplendidas publicações e o estabelecimento de três grandes parques históricos nacionais em áreas do Sul da Morávia, onde havia escavações arqueológicas do período da Grande Morávia, desenvolvidas pela minha instituição, a Universidade e Museu da Morávia, em Brno. O projeto incluía uma grande exposição a ser apresentada em três lugares das Tchecoslováquia, sendo um deles o castelo dos Reis Boêmios, em Praga. O tempo era curto e faziam-se necessárias medidas de emergência. Nesta situação crítica a Academia, e mesmo o governo e o Partido, decidiram designar a mim - o incorrigível –

a responsabilidade de organização, liderança e desenvolvimento do projeto. Para mim foi uma grande oportunidade, sublinhada pela excitante colaboração de um excelente time de eminentes cientistas, arquitetos, artistas, produtores, educadores e especialistas em mídia. O resultado foi de alta qualidade, muito inovador e um grande sucesso. Na atmosfera da Primavera de Praga, que se aproximava, os contatos internacionais se ampliaram e recebemos pedidos para levar a exposição sobre a Grande Morávia para vários países. Como único especialista neste campo na Academia, fiquei encarregado de reinstalar a exposição em seu itinerário pela Grécia, Áustria, Alemanha, Polônia, Suécia e, em 1968, para ambas as Berlins. Permitir-me isto era absolutamente impensável alguns anos antes.

Descrevo este evento com detalhes porque teve um papel central em minha metamorfose em *museólogo*. O projeto, com seus muitos elementos de trabalho museológico, era uma fonte de valiosos conhecimentos e experiências. Requeria uma base teórico-filosófica que possibilitasse a comunicação e a ação da equipe de trabalho de forma bem sucedida. Complementado com um senso jurídico de abordagem sistêmica e interdisciplinar, métodos de gestão de um administrador e a experiência de um pedreiro e operário com a sabedoria das pessoas simples, este se tornou o ponto de partida de minha experiência com o pensamento museológico. Isto foi logo descoberto pelo Dr. Jan Jelínek, Diretor do Museu da Morávia, Presidente do Conselho Consultivo do ICOM e mais tarde, Presidente do ICOM; na primavera de 1968, ele surpreendeu-me perguntando se eu aceitaria coordenar um Centro de Formação da UNESCO em Museografia, que ele pensava estabelecer na Tchecoslováquia em contribuição às atividades internacionais da UNESCO. Este foi um dos muitos convites atraentes que recebi durante a Primavera de Praga, e que jamais puderam ser aceitos devido à invasão de Praga pelos soviéticos em agosto de 1968.

Apresentar a exposição sobre a Grande Morávia em diferentes países deu ao projeto reconhecimento internacional como um novo modelo para grandes exposições, com outro e inesperado efeito, apreciado com muita gratidão por mim e por minha família, quando decidimos nos exilar e deixar nosso país natal: os convites de instituições e países onde eu havia recentemente apresentado “minha exposição”, para vir trabalhar com eles. Entre estes, um convite do Escritório Central de Monumentos e Sítios Nacionais da Suécia, e outro do Museu Nacional de Antiguidades de Estocolmo. Aceitamos este convite e chegamos a Uppsala em 22 de dezembro de 1968.

***Fase Sueca: museus e museologia tornam-se a principal preocupação do autor***

Eu penso que a decisão de emigrar de um país natal para outro será sempre um passo difícil, mesmo que um dia se torne um direito humano reconhecido em todo o mundo, a despeito dos motivos para tal decisão. Em nossa situação, criada por forcas exógenas, houve outro caráter - o de nos recusarmos a continuar nossas vidas sob um velho regime opressor, que agora havia retornado ao poder pela força. Isto trouxe consequências não apenas para nós, mas para muitos outros também. Vivendo agora no exterior, ainda tínhamos uma relação, ainda que indireta, com o sistema totalitarista em nosso país, onde minha esposa e eu estávamos condenados a dois anos de prisão e confisco de todas as nossas propriedades. Perdemos assim toda a evidência de nosso passado, todas as memórias, para falar numa linguagem museológica. Nossos contatos com os parentes que permaneceram no país eram muito limitados: não os podíamos visitar, nem eles a nós, nossas chamadas telefônicas para o país eram gravadas e nossa correspondência controlada. De tempos em tempos, éramos também checados por “visitantes” chegando à Suécia da Tchecoslováquia, pessoas desconhecidas, mas que afirmavam terem sido enviadas por amigos comuns.

Na Suécia, começamos do zero uma nova vida em novo meio. Não possuíamos quase nada, mas tínhamos a vantagem de ter empregos. Para mim, era o trabalho em um novo ramo, um museu central e nacional, que eu há havia visto antes, no contato com a exposição sobre a Grande Morávia em 1967. Eu tinha muitos amigos na Suécia daquela época, quando organizei na Tchecoslováquia, em 1968 (Brno e Praga), a exposição de intercambio sobre os Grande Tesouros Suecos da Arte Viking.

Tornei-me muito envolvido com as atividades do museu e com o projeto, em andamento, da reformulação do museu e de sua organização. Projetei estruturas ainda inexistentes e tornei-me Chefe da Seção de planejamento econômico e administração do Museu em 1971. Em 1973, reorganizei-a para transformá-la em Departamento de Exposições, Programação, Planejamento Econômico e Administração. Desenvolvi muitas exposições, tanto na Suécia como em outros países, juntamente com outros projetos do museu. Assumir a responsabilidade pelo Departamento de Administração do museu em 1975, e do Departamento de Coordenação e Desenvolvimento do Museu em 1981 trouxe ainda maior envolvimento, e também novos desafios e experiências.

Quanto à museologia, a necessidade de teoria no trabalho prático nos museus tornou-se mais e mais aparente para mim, agora que atuava no ramo, e eu tentei promover a museologia no meu museu e em outros lugares.

Minha primeira tentativa na Suécia foi em dezembro de 1969, apenas um ano depois de chegar ao país. O esforço para convencer o Diretor e o Conselho em meu museu - o Museu Nacional de Antiguidades de Estocolmo - da necessidade de museologia teve um desfecho peculiar, que assinalou as dificuldades que iria encontrar na luta pela museologia. Após apresentar um estudo analítico das metas e objetivos do museu, conforme havia sido solicitado a fazer, junto com uma proposta de medidas a serem tomadas, incluí a necessidade de pesquisa em museologia, e a discussão se iniciou com a pergunta do Diretor: “O que é esta museologia? Eu nunca ouvi esta palavra!” - que, aliás, muitos dos demais também não conheciam. O debate finalizou com uma amigável recomendação dos eminentes curadores presentes à sessão: “Esqueça essas excentricidades do continente, Vinoš!”.

Entretanto, este não foi o último ato da peça. Um dia, cinco ou seis anos após a sessão do Conselho em 1969, um encontro acidental na cidade com a curadora responsável pela declaração sobre as “excentricidades continentais” foi o epílogo. Com uma expressão consternada, ela me disse que se arrependia muito do que havia dito. Não tendo ideia do motivo pelo qual dizia aquilo, perguntei qual era a questão. “Nosso Conselho em 1969”, respondeu ela. “Agora sei que perdemos, graças a minha falta de visão, pelo menos cinco anos no desenvolvimento de nosso trabalho museológico”. Esta foi uma confissão honesta e, penso eu, um julgamento correto, que me deu muita satisfação. E sobre a peculiar - pareceu-me - questão sobre a museologia colocada pelo Diretor, a explicação veio 25 anos mais tarde, como logo verão.

Em 1976, um sinal encorajador de despertar museológico foi um convite que me fizeram para escrever um artigo sobre museologia desde uma perspectiva internacional, para um manual sobre *Técnicas de Museus* (Museiteknik), a ser publicado em conexão com um curso na Universidade de Uppsala. A proposta para escrever com referência às atividades museológicas fora da Suécia, que devem ser aqui apontadas, veio no último minuto antes da impressão do livro, e não foi dirigida a mim, porque eu havia vindo do continente e supostamente conhecia este fenômeno. Na revisão do manual, publicado no periódico da Associação Sueca de Museus SMF Nytt, as questões museológicas mundiais descritas em meu artigo pareciam ter o mesmo efeito no desafortunado revisor do que uma capa vermelha de toureador numa praça de touros. Num breve e irritado comentário, ele explodiu: “Protejam-nos da ‘museologia’ e de outras quase ciências!”. Mas desta vez uma forte reação de duas eminentes personalidades lembraram a comunidade do museu de que seria necessário deixar as questões locais e ver o que estava ocorrendo ao redor do mundo, e isto abriu o tema para discussão. Ainda assim, este foi apenas um fato, a ter continuidade com o final feliz em 1988 e 1994!

Eu não desisti e continuei a difundir a mensagem museológica, encorajando a reflexão sobre o tema. E obtive mais e mais reações positivas.

Em meu museu as coisas começaram a acontecer de acordo com a museologia. Um projeto com uma atividade experimental nesse campo iniciou-se em julho de 1979. Em nosso orçamento, foram apresentadas propostas ao governo para 1980 e 1981, dando à museologia uma posição firme, e um programa de capacidades museológicas (*Museikunskap*) foi introduzido em 1981/1982. Um estudo analítico sobre a publicação de atividades do museu, datado de 6 de novembro de 1981, ocupou diversas publicações 'museológicas' [sic] numa sessão especial: ideias sobre o periódico internacional *Museological Working Papers*, iniciado em 1980; uma série de relatos suecos, mais tarde denominada *Dito, Acontecido, Informado (Sagt-Hänt-Meddelat)*; e foram propostos um boletim informativo e papers de pesquisa em museologia. Uma sessão de museologia foi organizada como parte de meu Departamento de coordenação e desenvolvimento do museu, estabelecido em 1981. O enorme âmbito de minhas tarefas, o pessoal e os recursos financeiros limitados, e um interesse ainda tímido pelo trabalho museológico, não permitiram, entretanto, o desenvolvimento de uma ação concentrada. Mas o reconhecimento da existência do tema facilitou minha participação em atividades museológicas internas, e tornou possível importar conhecimentos e experiências para a minha segunda pátria.

Desde 1978, fui ativo no ICOM e no seu Comitê Internacional de Museologia. Graças ao generoso apoio de meu museu, e especialmente do seu Diretor, que agora compreendia o que significava a museologia e para que servia, eu pude estabelecer colaboração entre este Comitê e o museu, com benefícios mútuos, especialmente para a museologia.

Ainda na Suécia, ocorreram as primeiras tentativas no início dos anos 80 de introduzir a qualificação em museologia nas universidades de Umeå e, posteriormente, em Gothenburg. Fui convidado a participar dos trabalhos de planejamento desses programas, cautelosamente denominados, no início, de *Competências Museológicas (Museum skills – Museikunskap)* em Umeå e *Ciência do Museu (Museum science – Museivetenskap)* em Gothenburg. Nossos esforços, meus e do Diretor do museu, para chamar a atenção das autoridades culturais, especialmente o Conselho Nacional de Cultura (*Statens Kulturråd*), e antes de tudo alguns conselhos de pesquisa em Museologia e introduzi-la como tema de estudos científicos trouxe importantes resultados em meados dos anos 80: foi criado, no Conselho Sueco de Pesquisa em Ciências Sociais e Humanidades (*Humanistik-Samhällsvetenskapliga Forskningsrådet*) um cargo de assistente em Museologia, logo preenchido por Per-Uno Agren na Universidade de Umeå. Em 1988 – o ano do 'boom' da Museologia no mundo, iniciado após a avaliação pelo ICOFOM de mais de uma centena de papers, e

concluído com uma declaração, em acordo com os critérios da teoria da ciência, de que a Museologia era uma disciplina científica em estágio embrionário - o primeiro grande simpósio, no qual metade dos especialistas eram museólogos as lideranças do ICOFOM, teve lugar em Umea, mergulhando na questão: O que é a Museologia? Ali, num seminário especial sueco, num brilhante discurso em defesa da Museologia e do uso ativo da mesma, pude escutar o Dr. Carl Cullberg, importante curador de museus sueco, afirmar que meu artigo publicado em 1976 era o primeiro “trabalho clássico em Museologia” na Suécia e na Escandinávia - uma declaração documentando as mudanças no pensamento museológico sueco durante aquela década. Foram necessários, entretanto, mais de 15 anos, até 1993, para que um movimento convincente e consciente pela Museologia, como disciplina científica necessária, se iniciasse na Suécia, onde ainda se encontra em curso.

Neste meio tempo, um evento feliz, para mim, pessoalmente - e em consequência, para a Museologia - teve lugar em 1991. A Universidade de Uppsala decidiu conferir-me, em reconhecimento a minha contribuição para o desenvolvimento da Museologia em âmbito internacional e para a colaboração cultural entre os povos e para a Suécia, o título de Doutor *Honoris Causa* em Filosofia (PhD h.c.). A posição favorável daquela respeitada universidade foi certamente um valioso apoio relativo à necessidade de teoria no campo do patrimônio natural e cultural.

Num encontro em Estocolmo, em dezembro de 1994, teve lugar uma primeira tentativa de desenvolver uma abordagem unificada para estabelecer a museologia na Suécia, com a expressiva participação de representantes de conselhos de pesquisa de vários países, universidades, museus e organizações de profissionais de museus. Eu escutei com sentimentos conflitantes esta discussão: sentimento de alegria ao perceber que finalmente os ânimos eram positivos ao benefício da museologia; e sentimento de insatisfação porque nenhuma ou muito pouca atenção era dada à extensa pesquisa internacional em museologia, desenvolvida pelo ICOFOM, publicação que era organizada a partir de meu museu em Estocolmo, e publicada e disseminada em todo o mundo com forte apoio sueco. Como subproduto, o evento contribuiu para a história de minha vida com o epílogo dos dois eventos de 1969 e 1976, ocorridos no início de minhas aventuras museológicas na Suécia:

Em sua revisão introdutória, da história do desenvolvimento das ideias e do pensamento museológicos no país, Per-Uno Ågren, Diretor do Instituto de Museologia da Universidade de Umea, informou aos participantes que o conceito moderno, contemporâneo de museologia foi introduzido na Suécia e na Escandinávia, por mim - uma declaração que, para mim, colocava a história das “excentricidades continentais” referidas ao final de 1969 sob uma luz totalmente nova, e subitamente tornava amplamente compreensível a questão levantada pelo Diretor, ao presidir o Conselho

do meu museu: “O que é esta museologia? Eu nunca ouvi esta palavra!”. Como ele poderia tê-la conhecido, quando ela [a museologia] ainda não havia passado por importantes procedimentos de liberação?

Continuando este relato com um panorama dos diferentes conceitos de museologia no mundo, e para meu constrangimento, ele comparou “minha definição” de 1976 - vocês devem lembrar a história sobre o livro de *Museiteknik* - com conceitos de eminentes pensadores em museologia ao longo do tempo. Isto diminuía para sempre o mal estar que tive com a primeira reação profissional, mais ou menos oficial, da Suécia à minha modesta informação sobre museologia desde uma perspectiva internacional, considerando que aquele foi o livro que inspirou o revisor a implorar proteção “da museologia e de outras quase-ciências!”. Ficou claro que esta opinião havia perdido totalmente força na Suécia!

### ***Fase mista:***

#### ***O autor faz uso de experiência e de sua incomum trajetória de vida***

Mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais ocorridas entre os anos de 1985 e 1989 na Europa e na União Soviética, as quais mudaram totalmente o mundo, deram início à terceira fase de minha vida.

Minhas atividades pessoais tornaram-se substancialmente influenciadas por esses eventos. A nova atmosfera de liberdade abriu possibilidades no ICOM de colaboração intensiva no uso prático da museologia, particularmente no que se refere aos sérios problemas de transição dos países que haviam formado o bloco Socialista. O Comitê do ICOM na Tchecoslováquia foi o primeiro a solicitar assistência do ICOM, pedindo minha participação pessoal. Eu me tornei um consultor em questões de museus e do patrimônio junto ao Ministério da Cultura Tcheco e mantive estreito contato com o campo dos museus Tchechos desde 1990. Na Universidade de Masaryk em Brno, onde a Escola Internacional de Museologia havia sido estabelecida em 1987 como um programa conjunto com a UNESCO, eu fui designado Diretor do Conselho Científico e Pedagógico da Escola em 1990. Ao mesmo tempo, meus interesses museológicos na Suécia continuavam no museu, em colaboração com os programas de capacitação das universidades, especialmente em Gothenburg e num novo programa na Universidade de Estocolmo, e nas tentativas de estabelecer um programa de pesquisa em museologia no país, como já mencionado. No plano internacional, a disseminação da mensagem museológica em diferentes conferências, e em palestras pessoais ou seminários, aumentou enormemente com convites vindos de todo o mundo.

Em 1994, o Diretor Geral da UNESCO e o Reitor da Universidade de Masaryk decidiram estabelecer uma Cátedra UNESCO de Museologia e o Patrimônio Mundial em Brno, República Tcheca, como a primeira Cátedra UNESCO com esta orientação específica. Eles concordaram em me designar para a direção desta Cátedra, na posição de Coordenador. Esta função abriu novas possibilidades para o avanço futuro e o aprimoramento da museologia e ampliou seu papel ativo no desenvolvimento social e humano em todo o mundo. Isto criou uma sólida base para a comunidade museológica internacional e sua ação qualificada através de ampla pesquisa, documentação, publicação e programas de capacitação, e experiências de interdisciplinaridade internacional, que respondiam aos problemas levantados pelo processo de globalização em curso bem como às mútuas interdependências.

O objetivo de transformar sucessivamente a instituição num futuro Centro UNESCO para Estudos Avançados e Pesquisa em Museologia e o Patrimônio Mundial, deverá, quando alcançado, ser o coroamento do sonho esboçado em minha primeira contribuição para o debate sobre museologia, na Polônia, em 1978.

**3. Uma confusão museológica é investigada por um novo Comitê do ICOM, o qual, após um breve e entusiástico período pós-natal enfrenta sérios problemas e se aproxima do colapso, apenas para soerguer-se milagrosamente para uma recompensadora vida de avanços. O autor entra em contato com o ICOM e se torna aficionado à museologia.**

Será que alguém viria? Alguém, pelo menos, iria escrever?

O que, em nome dos céus, podemos fazer agora, dois meses antes do encontro?

Pensamentos preocupantes percorriam minha mente durante uma visita breve a Paris ao final de agosto de 1982. Havia viajado como a pessoa indicada por Jan Jelínek, o Coordenador do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM), para conduzir o planejado simpósio [que teria lugar] de 20 a 22 de outubro sobre O Sistema da Museologia e a Interdisciplinaridade, em conjunto com a reunião anual do Comitê, e havia justamente sido informado pelo secretário do Comitê, André Desvallées, e seu colaborador e secretário para o encontro de 1982, Gérard Turpin, que graças aos esforços de Georges-Henri Rivière e à generosidade da Direção de Museus de França, haveria dinheiro e facilidades para organizar o encontro, mas que nenhum passo havia sido tomado para efetivamente preparar o simpósio. Teria havido algum mal entendido na direção do ICOFOM, ou haveria outra razão?



Não havia tempo para especular sobre detalhes - era preciso uma ação emergencial para superar a crise e evitar o colapso do novo Comitê. Como as coisas haviam ficado tão sérias?

### **Moscou, 1977**

#### ***Surge o ICOFOM – e o autor se filia a ele por meio de uma “conspiração”***

O Comitê Internacional de Museologia, agora batizado ICOFOM, havia sido fundado cinco anos antes. Seu primeiro encontro constitutivo realizou-se durante a Conferência Geral do ICOM em Moscou, em 1977. Formalmente, uma iniciativa do Conselho Consultivo do ICOM em 1976 lançou as bases para o estabelecimento do ICOFOM. Espertamente evitando uma definição do que é a museologia, a recomendação dizia:

Todos os ramos de atividade profissional necessitam ser estudados, desenvolvidos e adaptados às mudanças das condições contemporâneas - não excluindo a museologia. Atingir o objetivo de distribuir conhecimentos sobre as modernas ideias museológicas e ajudar os diferentes campos do desenvolvimento museológico será o programa do Comitê Internacional de Museologia.

Não me lembro como, mas a informação sobre este evento já havia chegado a mim em 1977 e provocou meu interesse: aqui estava a tão desejada ocasião para receber esclarecimentos sobre a museologia! Eu providenciei minha filiação ao ICOM em meu país de exílio, agora oficialmente como cidadão sueco desde o ano anterior. Através do Comitê Nacional Sueco tornei-me um membro do ICOM em maio de 1978, e pretendia participar do trabalho do novo comitê de museologia.

Entretanto, esta meta teve que ser adiada por um tempo. A razão foi a descoberta de que o Coordenador deste Comitê era o Dr. Jan Jelínek, da Tchecoslováquia. Uma vez mais, minha liberdade recém-adquirida parecia estar limitada por influências do outro lado da cortina de ferro. Treinado na cultura do pensamento socialista real, eu percebi que meu estatuto de refugiado político na Suécia, que ainda permanecia com cidadania Tcheca e era condenado à prisão na Tchecoslováquia pelo crime de haver deixado o país sem permissão, uma questão de princípios totalmente irrelevante aos meus direitos de membro do ICOM, seria uma questão muito desagradável para o Dr. Jan Jelínek ao retornar ao país. Eu o conhecia desde o projeto da Grande Morávia em 1962-1968, especialmente a sua atraente oferta em 1968 para ser o Diretor de um Centro Internacional de Museografia da UNESCO, em Brno - e sabia que não poderia lhe impor um *'fait accompli'*<sup>4</sup> aparecendo no encontro do ICOFOM sem entrar antes em contato com ele e ouvir sua opinião. Eu

---

<sup>4</sup> Expressão francesa que significa “fato consumado”. [N.T.]

compreendi o dilema e, caso ele mostrasse algum sinal de estar exposto ao perigo, estava pronto a renunciar ao comitê de museologia e filiar-me ao Comitê Internacional do ICOM para o Intercambio de Exposições.

No estilo dos melhores dramas de conspiração tentei encontrar uma ocasião para falar com ele. Não podia chama-lo, nem escrever para ele - minhas chamadas telefônicas eram censuradas e minhas cartas, lidas por outras pessoas na Tchecoslováquia antes de chegar - e quando chegavam - aos destinatários. Através de canais do ICOM Suécia fui informado de que o Dr. Jelínek faria uma conferencia num simpósio do Nobel em Bofors, na primavera de 1978. Eu não podia, é claro, participar desse evento, porque imaginava que representantes da Embaixada da Tchecoslováquia estariam presentes para escutar Jelínek e checar seus contatos; mas uma mensagem enviada através de um participante sueco foi entregue a Jelínek em Bofors e resultou num acordo telefônico para um encontro secreto na sua ida de carro de Bofors a Estocolmo, durante uma curta estada em Strängnäs. Eu deveria estar lá e Jelínek e eu nos encontraríamos na catedral. Apesar de nossa falta de experiência neste campo conspiratório fomos bem sucedidos: nos encontramos (sem ter que nos disfarçar de bispos ou monges) apenas para ouvir um do outro que ambos desejávamos colaborar e portanto deveríamos nos filiar ao ICOFOM através da Suécia, solicitando [a filiação] diretamente ao Escritório central do ICOM em Paris. Em Praga, a explicação seria de que eu era “um representante sueco” no Comitê, o que não era correto de acordo com os Estatutos do ICOM, mas correspondia plenamente ao conceito de filiação ao ICOM dos países comunistas, onde eram o Partido e a administração do Estado que aprovavam quem poderia ser membro do ICOM no país e que viagens ao exterior poderia fazer.

Nos encontramos mais uma vez nessa época, por meio de uma outra conspiração, arranjada por um membro sueco do Conselho Executivo do ICOM, Ulla Keding Olofsson, por ocasião de uma festa para o Dr. Jelínek em Estocolmo. Desta vez deveríamos nos encontrar como por acidente (e, para as autoridades tchecas, em principio, pela primeira vez na Suécia), através de um convite pessoal, juntamente com outras personalidades de museus da Suécia. Nesta ocasião, Jelínek convidou-me oficialmente para o encontro do ICOFOM na Polônia e pudemos combinar minha participação nesse encontro. Este era [um ato] gentil e corajoso, mas não sem problemas adicionais para mim, desta vez com o bloqueio real do Leste a minha pessoa.

Tendo dupla cidadania naquele momento: a recém-ganha cidadania sueca, e a antiga tcheca, da qual não podia me isentar - éramos intencionalmente obrigados a manter a cidadania como reféns - eu não tinha proteção sueca na Tchecoslováquia e, ainda, estava sujeito, em outros países pertencentes ao bloco socialista, a ser

extraditado para meu país natal como criminoso e servir aos dois anos prisão ao quais havia sido sentenciado. Felizmente, havia diferenças entre os países socialistas. Através da representação diplomática na Suécia, fui confidencialmente assegurado de que minha liberdade e integridade pessoais não estariam ameaçadas durante minha estada na conferência do ICOFOM na Polônia, e mais, eles prometeram providenciar para nós, minha esposa e eu, um apartamento no Castelo Real, Wawel, em Cracóvia, para um encontro entre minha esposa e sua mãe, seriamente doente, que vivia na Tchecoslováquia. Seu filho a havia trazido para este encontro e assim poderíamos estar novamente juntos, após muitos anos de separação em que não podíamos visitar nosso país natal. Minha sogra faleceu três meses depois e jamais esquecemos a generosidade polonesa, totalmente diferente de nosso país, que nunca permitiu a minha esposa comparecer ao funeral da mãe, e tampouco ao de seu pai, que havia falecido alguns anos antes.

### ***Polônia, 1978***

***O autor convoca uma cruzada intelectual para descobrir o que é a museologia: Se não sabemos - ou temos dúvidas - então buscaremos saber!”***

Minha participação no segundo encontro do ICOFOM, realizado na Polônia, foi, nesta atmosfera muito especial, uma experiência inesquecível. Além do Professor Jelínek conheci algumas grandes e interessantes nomes do mundo dos museus: Professor Lorenz, Professor Piotrovski, Dr. Irina Antonova, Dr. Dabrowski, Dr. Wolfgang Klausewitz, Dr. Awraam Razon, Dr. Rymaszewski - a força motora do encontro - e Villy Toft Jensen. Éramos ao todo umas vinte pessoas. Tivemos bons debates, mas a tão esperada informação sobre museologia não aconteceu. Minhas “questões particulares” revelaram que não havia opinião comum sobre o conceito de museologia - “não muita carne no osso”, afinal. No simpósio *Possibilidades e Limites da Pesquisa Científica típica para museus*, os sete *papers* e os relatos apresentados seguiam estritamente os tópicos analisando a situação das diferentes ciências relativas às coleções de museus. Apenas num documento, apresentado pelo museólogo russo - ou soviético, melhor dizendo - Awraam Razgon, havia uma tentativa de identificar e desenvolver algumas questões museológicas. Senti-me muito insatisfeito e coloquei várias questões nas discussões: O que é museologia? Para que serve um comitê de museologia? Qual o nosso objetivo? As respostas variavam tanto que era alarmante. Na noite do primeiro dia de nosso simpósio, sentei-me e preparei minha intervenção. Resumindo a situação geral, enfatizei a necessidade urgente de pesquisa em museologia e qualificação profissional e de um periódico baseado nesses

resultados; e apresentei a ideia de um instituto internacional para a museologia e de um periódico, como um fórum para a discussão internacional sobre museologia. As pessoas se interessaram e aprovaram entusiasticamente minhas propostas.

Meu *paper*, intitulado *Pesquisa em e sobre o Museu*, pode ser encontrado entre as outras contribuições publicadas deste simpósio, no volume de textos do ICOFOM lançado em Brno, em 1978<sup>5</sup>. Eu o folheio agora, tentando coletar minhas memórias e - devo admitir - sinto-me orgulhoso e satisfeito. Iniciando com o tema da pesquisa em museus, o *paper* defende a necessidade de uma teoria como base para o trabalho prático em museus, e conseqüentemente a necessidade da pesquisa em museologia, e apresenta um complexo programa de ação com este fim.

Ele tornou-se o trampolim para as atividades seguintes do Comitê, e mesmo pessoalmente para mim em meu trabalho muito prático e amplo na Suécia e no ICOFOM, especialmente como seu Coordenador desde 1982. Tendo sido compelido pela emergência da situação durante o evento, fui forçado a reagir. A ressonância da noite estabeleceu uma visão do que eu desejava que fosse realizado. Graças aos meus ativos, fieis e, sobretudo inteligentes colaboradores de todas as partes do mundo no time do ICOFOM, desenvolvemos o estudo sobre os fundamentos da museologia durante os anos que se seguiram, completamos e trabalhamos o conceito de museologia e realizamos várias partes do sonho apresentado em meu *début* na arena internacional da museologia, em 26 de setembro de 1978, em Nieborów, Polônia.

Durante o encontro o Comitê teve mais uma oportunidade de testar as possibilidades e limitações políticas para sua ação no mundo dividido. A eleição de um novo Secretário do Comitê estava incluída na agenda. Deveríamos decidir sobre ela da noite para o dia. Dr. Razgon, que não tinha compromisso com a conformidade, disse-me pela manhã que em sua opinião eu deveria assumir este lugar e que ele faria esta proposta ao Coordenador. Eu percebi que uma catástrofe política se aproximava. O pobre Professor Jelínek estava tendo dificuldades com minha presença no Comitê. No dia anterior, em uma conversa particular com Irina Antonova sobre as questões do Comitê, Jelínek (como me disse ela secretamente, depois), após tentar explicar-lhe minha estada na Suécia a partir de presumidos interesses econômicos meus, ouviu dela, uma cidadã soviética, uma resposta totalmente inesperada: “É assunto dele onde ele vive, não?” Agora, entretanto, Razgon, o outro “representante” soviético, surgiu com uma proposta que, se aprovada - e isso era inteiramente possível, dada a posição

---

<sup>5</sup> O citado artigo foi traduzido para o português em 2009 e publicado no vol. 2, n.1, desta Revista [N.T.]

muito favorável a mim de nossos anfitriões poloneses e outros participantes - poderia causar transtornos na Tchecoslováquia, onde a atmosfera era evidentemente mais linha dura do que na URSS. “Vocês podem imaginar-me voltando para casa e reportando às autoridades devidas, o que não posso evitar, como sabem, que o Secretário de meu Comitê é Vinos Sofka?” - perguntou Jan Jelínek, com resignação.

Uma breve discussão aberta entre Jelínek, Klausewitz e eu resultou num acordo de que se deveria propor a candidatura do Professor Klausewitz. O Comitê aprovou unanimemente a proposta, e a situação explosiva foi contornada. Percebemos que meu envolvimento nas diferentes atividades do ICOFOM deveria ser mais fácil e desenvolver-se em melhores condições se eu não fosse Secretário; ter uma posição na direção [do Comitê] provavelmente causaria mais danos e problemas do que vantagens. Com esta plataforma conspiratória secreta estabelecida, nos despedimos da Polônia e retornamos a nossos países tão fundamentalmente diferentes.

O encontro na Polônia não foi o ponto de partida de meu “encontro” com a museologia; isto ocorreu no início mesmo de meu trabalho no Museum de Antiquidades Nacionais em Estocolmo em 1969, e durante os anos seguintes. O encontro polonês teve outro significado: foi o real ponto de partida para meu profundo envolvimento com a museologia e da ação em seu favor. Eu percebi que o ICOFOM e sua abrangência internacional possibilitavam naquele momento a única plataforma acessível e aceitável para o estudo e análise, numa abordagem holística, da questão da museologia, sua essência e conceito, sua relação com o humano, a sociedade e o mundo, assim como com o patrimônio natural e cultural. Realizei que o Comitê tinha uma relação de certa forma livre com outras esferas de poder, provavelmente porque se dedicava a temas que não eram classificados como de especial importância ou risco. Concluindo que os museus tem um espaço para a ação, e convencido de que eles e suas coleções são um recurso sociocultural não totalmente aproveitado, com um potencial oculto nas memórias e experiências que guardam e na qualificação de seus profissionais, eu concluí que a museologia, como base teórica do trabalho em museus, e o ICOFOM, como o único corpo profissional internacional reunindo especialistas neste campo, tinham uma oportunidade única de ajudar a implementar a contribuição dos museus para a solução de problemas que a comunidade mundial estava enfrentando naquele momento, e que ainda viria a enfrentar em escala mais ampla, no futuro.

**Torgiano, 1979, Cidade do México, 1980 - e Paris, 1982**

***Os altos e baixos do Comitê em 1979-1982 são atendidos por uma decisão resoluta do autor de transformar os indicadores negativos em positivos quando tudo parece estar perdido***

O que aconteceu após o encontro na Polônia?

Entre os encontros na Itália, em 1979 e no México, 1980, a fermentação [de idéias] continuou, mesmo após surgirem a primeiras e crescentes questões.

. Antes de viajar para a ensolarada Itália, uma participação ad hoc como representante do ICOFOM no encontro do Comitê Internacional de Formação Profissional para Museus (ICTOP), em Leicester, UK, em setembro de 1979, realizada a pedido de Jan Jelínek, deu-me uma chance inesperada de me familiarizar com as complexas relações internas do ICOM, e especialmente com as variáveis atitudes pessoais dos seus dirigentes sobre a necessidade de teoria no trabalho museológico em geral, e na museologia em particular. Foi um aprendizado útil, que me alertou [para o fato de que] promover a museologia como um instrumento útil para os profissionais de museus nem sempre seria um processo fácil, mas sim - e muito frequentemente - uma luta contra a consolidada posição anti-teórica de alguns membros da profissão, mais do que uma discussão para a qual lhes faltavam argumentos objetivos e factuais.

Vocês podem imaginar o que ocorreu em Leicester?

Orgulhoso do promissor encontro na Polônia, eu fiz, a convite de Jan Cuypers, Coordenador do ICTOP, um relato sobre as nossas intenções e programa. Uma forte reação veio imediatamente dos desapontados - como sempre, os compreensivos ou tolerantes permaneceram quietos, “envergonhados” de seus pontos de vista positivos. Em sequência rápida eu ouvi um irritado Georges-Henri Rivière, quem, entre outras objeções, não podia entender que o ICOFOM estabelecesse um programa de pesquisa e pudesse criar um periódico comigo como Editor sem um contato prévio com ele - seguido por um muito agressivo diretor da Reinwardt Akademy na Holanda, que pediu a extinção do ICOFOM, de preferência imediatamente, acreditando que o ICTOP poderia ocupar-se dos problemas da museologia juntamente com seu objetivo principal, a capacitação de pessoal. Um pouco depois, o Professor Raymond Singleton do Reino Unido fez uma séria e moderada declaração, mas ainda assim mais ou menos na mesma direção e, sobretudo, contra a necessidade de teoria.

Eu estava chocado, mas calmo e centrado, e argumentando que nenhum argumento sério havia sido apresentado para discussão, informei aos presentes que a

tarefa do ICOFOM, de acordo com a decisão [tomada em] seu estabelecimento era investigar o complexo de questões filosóficas e teóricas relativo aos museus, e que o faríamos sistematicamente, inventariando as opiniões em todo o mundo e fazendo estudos analíticos sobre as mesmas, atividades para as quais convidava a todos - incluindo todos os membros do ICTOP - que poderiam e deveriam contribuir para o necessário esclarecimento da profundamente confusa situação em torno do conceito do existente, mas não definido, termo técnico (*terminus technicus*) "museologia". Com o apoio de Jan Cuypers, rapidamente alcançamos o estatuto de cessar-fogo com G-H Rivière, que, ao final do evento, já começara a chamar-me "mon jeune homme", e apoiou mais tarde, de modo muito eficiente, as tentativas de salvar o ICOFOM. O Prof. Singleton refletiu sobre nossa conversa, e seguiu amplamente o trabalho do ICOFOM, que finalmente levou, um ano depois, ao seu anúncio de que estava convertido à museologia. Uma lembrança agradável que tenho daquele encontro e que conservei vivamente em minha memória foi a imagem de dois cavalheiros japoneses, corretamente vestidos em ternos pretos, que se aproximaram de mim ao final do dia de disputas, e fazendo quase um ritual de obediência, expressaram sua admiração por meu relato e respostas, e seu interesse em colaborar no tema; um deles era o Professor Soichiro Tsuruta, que tornou-se meu colaborador próximo na luta pela museologia e bom amigo até seu recente falecimento.

Quanto ao fenômeno em si, eu sabia que vozes seriam ouvidas, em todos os níveis do ICOM, questionando a necessidade do ICOFOM e a utilidade da museologia como nossa base teórica. Em minha visão - e com meu *background* - o pior nesses ataques era sua tentativa direta de liquidar o Comitê, primeiro evitando qualquer argumentação científica ou discussão aberta sobre museologia, e em seguida desrespeitando as decisões do Comitê sobre seu programa, tomadas num processo democrático entre seus membros. Aceitar o direito ao pensamento e opinião livres, incluindo as visões sobre museologia, deveria ser uma parte natural da reflexão sobre nossa tarefa, assim como nosso direito de recusar e combater métodos ditatoriais. A experiência de Leicester encorajou-me a proceder nesta direção com meu trabalho no ICOFOM.

. O encontro anual em Torgiano, Itália, manteve os altos níveis de intercâmbio intelectual de ideias postas em movimento no encontro da Polônia. O tema do simpósio, Aspectos sociológicos e ecológicos das modernas atividades em museus à luz da cooperação com instituições afins levantou questões de relevância específica em sete documentos apresentados por eminentes especialistas convidados, e

publicados imediatamente após o evento no volume seguinte dos anais do Comitê, feitos em Brno. Especialistas enriqueceram o evento com um excepcional programa de excursões. Os participantes, novamente em torno de 20-25 pessoas, ficaram satisfeitos com o resultado do trabalho do Comitê. Foram, entretanto, de opinião que medidas deveriam ser tomadas, através de um apropriado movimento de publicidade, para encorajar mais profissionais de museus a fazer uso das atividades profissionais do Comitê.

. Ao invés de atuar dentro desse espírito, veio a crise em 1980-1982. No Encontro Trienal do Comitê, em conjunto com a Conferência Geral e Assembléia Geral de Museus no México, em 1980, três de nossos prometidos conferencistas com papers para o simpósio do ICOFOM sobre Sistemática e sistemas em Museologia não apareceram, e a publicação dos documentos apenas pode ser realizada graças à ação de resgate do novo periódico do ICOFOM. Nenhum encontro se realizaria em 1981, porque a promessa de Berlim Ocidental falhou, e foi impossível encontrar novo organizador ou lugar. O planejado encontro de 1982 na Tchecoslováquia provou ser irrealista devido à saúde de Jan Jelínek.

Esses sinais externos refletiam causas mais profundas: uma crise de identidade e de gestão; uma desproporção crítica entre as reais condições para a ação do Comitê e a necessidade de prosseguir com o trabalho. Era obviamente necessário encontrar novos caminhos e novos métodos de trabalho. E era necessário convencer os profissionais de museus da necessidade de teoria - para a museologia, e a utilidade de ser um membro ativo do ICOFOM.

Voltando à situação do ICOFOM, a falta de interesse em, e a falta de apoio ao ICOFOM e à museologia eram um fato, mas nem tudo era desesperança. Ao mesmo tempo, o primeiro número da publicação denominada *Museological Working Papers* – MuWOP (Cadernos de Estudo em Museologia) saiu em 1980, e um segundo número estava em processo para 1981 (publicado em 1982), ambos em colaboração entre o ICOFOM e o Museu de Antiguidades Nacionais em Estocolmo, com o apoio de fundos suecos. E ainda havia apoiadores da museologia, interessados nas continuadas atividades do ICOFOM.

Quando em 1982, graças - como já mencionado no início deste capítulo - ao compromisso pessoal de Georges-Henri Rivière, assistido pelo Secretário do Comitê, André Desvallées, e por Gérard Turpin, indicado por Jan Jelínek como Secretário do próximo encontro, se obteve, com fundos da Direção de Museus de França, o financiamento necessário para um encontro de emergência do ICOFOM em Paris, as



condições práticas foram asseguradas para uma tentativa de ressurreição. As bases estavam lançadas para contornar a crise, se pudéssemos fazê-lo.

. Resumindo a fase inicial do ICOFOM, a história do Comitê se assemelha de vários modos à de outros grupos similares: iniciada com um pequeno grupo entusiasta, logo enfrenta dificuldades e frequentemente chega a uma crise da qual emergem ou na qual desaparecem.

O comitê de museologia funcionou a princípio como a maioria dos comitês internacionais do ICOM: um encontro anual com apresentação, num simpósio, de palestras sobre um tema selecionado, com palestrantes selecionados, [seguidas de] excursões, eram o modelo requerido. Ao publicar imediatamente após o simpósio os documentos de trabalho e as conclusões, em volumes separados, os iniciadores do ICOFOM *Study Series* (Série Estudos do ICOFOM) - dois volumes ao todo, nos anos 1978-1980 - e mais, ao iniciar um período científico, e ao distribuir minutas impressas dos encontros, já fazia mais do que o usual. Entretanto, quando esta ação foi interrompida após o encontro do México, em julho de 1980 e até setembro de 1982, não se pode evitar a crise. Por outro lado, foi possível encontrar força e energia suficientes para criar condições para uma tentativa de ultrapassar os obstáculos no caminho de uma renovação do Comitê.

Em meados de 1982, ainda não era possível prever com absoluta certeza qual seria o resultado dessas tentativas. Para mim, como coordenador do simpósio indicado por Jan Jelínek, as más notícias sobre a situação relativa ao simpósio, recebidas em agosto em Paris, levaram a pensamentos desesperados. Quase ao mesmo tempo chegaram mais notícias ruins: a primeira indicação de que Jan Jelínek desejava renunciar. Isto levantou uma nova e urgente questão a ser discutida e decidida no encontro, gostasse eu ou não. Era claro para mim que o desafiante trabalho de liderar o simpósio tornava-se agora uma grande responsabilidade com sérias consequências, dependendo de como o encontro iria se desenvolver. Consciente de que todo o esforço necessário deveria ser feito para preparar um encontro bem estruturado e organizado, com um programa interessante, que assegurasse a escolha de palestrantes eminentes com papers inovadores e de qualidade para o planejado simpósio; e para desenhar um cenário para uma discussão aberta e democrática sobre as questões dos objetivos do Comitê e seu futuro trabalho, visando driblar a crise com uma decisão clara sobre o que precisava ser feito, eu me pus ao trabalho.

No breve período de menos de dois meses eu fiz todos os esforços para reunir as contribuições para o simpósio e trabalhar o programa do evento, em contato continuo com o grupo de Paris, os autores colaboradores do MuWOP e todos os amigos pessoais; e para convencer tantos membros como fosse possível para vir a Paris.

#### **4. O ICOFOM no momento crítico da decisão entre a crise e a revitalização, dependendo do que aconteceria na reunião de emergência de outubro de 1982, e como tudo foi colocado em ordem nos poucos meses entre novembro de 1982 e julho de 1983**

No Encontro Anual do ICOFOM em Paris, em outubro de 1982, o Comitê reorganizou-se com a resolução firme de ultrapassar a crise e revitalizar sua ação. O colapso foi evitado temporariamente, porém mais ainda deveria ser feito para evitá-lo para sempre.

##### **Paris, 1982**

***Um encontro decisivo para o ICOFOM, no qual se esperava dar fim à desintegração em processo e reiniciar a recuperação do Comitê, e renovar sua ação***

Aberto por Jean Favière, Coordenador do ICOM França, e pela Secretária Geral Assistente do ICOM, Paulette Olcina, recepcionado por Hubert Landais, Diretor de Museus de França e Presidente do ICOM, e com a presença de Georges-Henri Rivière, iniciou-se muito bem o encontro, com um marcante e decisivo interesse do estrato mais alto do ICOM pelo ICOFOM e seu trabalho continuado. Cerca de 30 participantes, a maioria da Europa, mas também representantes do Canadá, Mali e México, desfrutaram do que finalmente consistiu num rico e bem preparado programa. Através de ligações telefônicas pessoais de minha parte com o grupo do MuWOP, sete interessantes trabalhos estavam disponíveis no simpósio com o tema O Sistema da Museologia e a Interdisciplinaridade. Três outros estudos dedicavam-se a *ecomuseus e ecomuseologia*. Os membros e outros presentes discutiram ativamente a situação crítica e as possíveis soluções no encontro anual do comitê. Era minha tarefa presidir o evento e levar a um resultado que garantisse a recuperação e renovação [do Comitê]. Durante o encontro, foi anunciada a renúncia formal de Jan Jelínek como Coordenador do Comitê e fui indicado como Coordenador Interino. A atmosfera era de esperança. Membros otimistas e entusiastas do ICOFOM, presentes, ao evento e

contribuintes do simpósio, declararam estar prontos a apoiar o programa para uma ação renovadora em 1982-1983, como eu havia proposto, e a ajudar na sua execução. Eu lembro alguns dos “velhos” membros do ICOM vindo a mim para expressar sua satisfação e confirmar sua continuada participação no trabalho do ICOFOM. As faces de Rosário Carrillo, André Desvallées, Andreas Grote, Anja Tuulikki Huovinen, Alpha Omar Konaré, Felipe Lacoutoure, Manuela da Mota, Awraam Razgon, Janine Schotsmans, Gérard Turpin desfilam em minha memória. E ainda lembro o pequeno grupo de “jovens”, com Peter van Mensch, Frans Schouten, Pieter Van Der Heijden, Tomislav Sola, Villy Toft Jensen e alguns outros que me rodearam ao final do evento, e com as palavras - “Gostamos do seu programa, prossiga com ele, nós seguiremos com você” - me encorajaram a não desistir e a continuar.

Era uma tarefa com muitos obstáculos: o trabalho em equipe proposto nunca havia sido testado antes, as redes ou canais para colaboração internacional não estavam estabelecidos, e não existia base econômica. Entretanto, uma coisa estava clara: dar continuidade ao programa de recuperação era uma condição *sine qua non*. As declarações teriam que transformar-se em atos, caso contrário o envolvimento revivido e a confiança reestabelecida dos membros participantes se perderia para sempre, e o Comitê sobreviveria como um grupo se apagando<sup>6</sup>.

Tendo sido honrado em Paris com a tarefa árdua e bilateral de liderar a operação de recuperação em 1982-1983, eu percebi que o escasso tempo de nove meses, de novembro de 1982 à reunião trienal do ICOFOM e a Conferencia Geral do ICOM em Londres, em julho de 1983, era ainda um período muito crítico para o Comitê e que assim iria ser até que o encontro em Londres pronunciasse seu julgamento final: polegares para baixo ou para cima?

### **A caminho de Londres, 1983**

#### ***O ICOFOM e seus membros testam sua resistência, sua flexibilidade e o que são capazes de alcançar ao preparar e desenvolver um complexo projeto internacional***

De acordo com nossa conversa em Paris, o Encontro Trienal do ICOFOM em 1983 deveria ser preparado em contato com os membros do ICOFOM, sua Diretoria e os organizadores ingleses da Conferencia Geral do ICOM e também do nosso encontro, e programado para julho de 1983 em Londres.

---

<sup>6</sup> No original, “*petering away*”- no sentido de esvaír-se, perder substancia [N.T.]

Na agenda de Londres os mais importantes documentos a ser discutidos eram relativos à gestão do Comitê e a suas ações. As seguintes propostas deveriam ser rascunhadas, circuladas, comentadas e trabalhadas como recomendações do encontro: os objetivos e políticas do ICOFOM, o programa de longo prazo do ICOFOM, o programa trienal para 1983-1986 e o relatório das atividades do ICOFOM de 1980 a 1982. Uma atualização das regras do ICOFOM também deveria ser proposta.

Com relação ao evento maior dentro do encontro do ICOFOM, um simpósio sobre temas da museologia, ficou decidido em 1982 que dois simpósios seriam organizados, devido às duas tendências diferentes do encontro de Paris - uma, museológica-teórica e outra, ecomuseológica. A tendência para *Metodologia da Museologia e a Formação de Pessoal* deveria ser uma ação conjunta com o Comitê Internacional do ICOM para o Treinamento de Pessoal, dedicado aos problemas básicos da museologia. A outra, sobre *Museu-Território-Sociedade: novas tendências, novas práticas*, deveria colocar em contato aqueles interessados em ecomuseus e na nova museologia. As contribuições deveriam ser recolhidas com antecedência e apresentadas em formato impresso para cada sessão respectiva.

Mais ainda, o Comitê deveria apresentar-se, pela primeira vez, na cena internacional, e apresentar seu programa e atividades para a comunidade museológica internacional participante da Conferência Geral do ICOM.

Esta era, naturalmente, uma agenda que excedia todas as possibilidades de ação de um comitê voluntário normal, o que provavelmente não tinha passado pela cabeça de nenhum dos presentes ao encontro de Paris e responsáveis por essas decisões. Desde o início de meu trabalho editorial com o periódico profissional *Museological Working Papers*, publicado por meu museu, o Museu de Antiquidades Nacionais em Estocolmo, juntamente com o ICOFOM - e desde a minha participação na Direção do Comitê, ficou claro para mim que minha aparentemente muito honrosa função tinha um lado avesso. Eu sabia que existem muitos que gostam de propor e decidir, mas muito poucos, quase ninguém, estava pronto a encontrar recursos e/ou fazer o trabalho. Embora consciente de que seria eu que teria que administrar tudo sozinho, assumi o compromisso como um desafio, apenas para não interromper a atmosfera de devoção comum à causa da museologia - e talvez também para testar minhas próprias habilidades e limites.

Tendo conseguido administrar [esta questão], eu defini até o final de meu mandato seguinte como o verdadeiro Coordenador do Comitê, uma meta otimistamente alta para todas as minhas ações.

Entre as inovações utilizadas para administrar a tarefa de 1983, tiveram um papel decisivo as pré-edicoes do Comitê, *Série de Estudos ICOFOM (ICOFOM Study Series - ISS)* e seu boletim informativo *Notícias Museológicas (Museological News - MNs)*. Nos seus números 3 a 5, o MN enviou informações a todos os membros do ICOFOM sobre o encontro e suas atividades; mas foi antes de tudo um fórum para a discussão democrática de todos os documentos [contendo propostas] relativas às políticas do Comitê, sua estrutura e programas. Quanto aos dois simpósios, a ideia do ISS havia nascido, e os primeiros cinco números vieram ao mundo. Foram recebidos pelos participantes com grande apreciação, e tornaram-se uma parte permanente do modelo de trabalho do ICOFOM.

**5. O ICOFOM se reestabelece de modo pleno, estabilizado e reforçado pelo processo interno de catarse e esclarecimento sobre sua missão; decide recomeçar do zero uma pesquisa pelos fundamentos da museologia numa ação global, aberta a todos os que acreditam que uma verdadeira memória do passado e de nosso tempo, conhecimento e experiência, natural e cultural, deve ser preservada para o benefício das próximas gerações**

O ano de 1983 esclareceu as intenções, objetivos, políticas e programas do Comitê, e contribuiu para a estabilização de suas relações internas, de seu trabalho e de sua posição no ICOM. Agora, o que estava em primeiro plano já não eram a luta pela existência do Comitê, mas o trabalho consciente e sistemático de explorar a substancia e a missão da museologia.

Os encontros anuais do Comitê tornaram-se as linhas mestras de suas atividades, com simpósios sobre temas sistematicamente escolhidos, com o objetivo de alcançar, passo a passo, a meta final - o reconhecimento dos fundamentos da museologia. Essas atividades, juntamente com seminários sobre temas específicos relacionados aos problemas em curso no âmbito dos museus, programas de conferencias sobre projetos ou tópicos de interesse e estudos de caso sobre o estado da arte da museologia, dos museus e do patrimônio natural e cultural nos diferentes países visitados, incluindo excursões e o contato profissional e social com profissionais de museus de todo o mundo, deram aos participantes uma rica experiência.

Uma outra linha mestra, indispensável para a ação do Comitê, eram as publicações do ICOFOM, suas séries impressas. Mesmo que o periódico *Museological Working Papers* tenha que ter sido descontinuado temporariamente após dois números financiados exclusivamente pela Suécia, porque os custos de produção eram muito altos para encontrar outros financiadores, as duas outras series - as pré-edições das *Séries de Estudos ICOFOM (ICOFOM Study Series - ISS)* e o boletim *Notícias Museológicas (Museological News - MNs)* - produzidas de maneira mais modesta porém mais flexível, provaram ter forte vitalidade. Elas se tornaram a plataforma do Comitê tanto para a discussão científica como para as reflexões democráticas sobre todas as propostas importantes relativas à sua vida e atuação. Elas tornaram possível a participação “em espírito” nos simpósios do ICOFOM para aqueles que não podiam participar dos encontros “em pessoa”. E também tiveram um importante papel em informar os membros sobre os programas, atividades e outras notícias internas, unificando o Comitê. Elas ainda são publicadas e nada indica que venham a terminar.

### **Londres, 1983**

#### ***O ICOFOM, estabilizado e unido em torno de uma política e de um programa comuns, estabelece suas estratégias e plano de atividades antes de um expressivo início de sua ação mundial***

O encontro de 1983 em Londres foi um estrondoso sucesso para o Comitê. Tanto o “colóquio” com o Comitê Internacional de Treinamento de Pessoal (ICTOP) sobre a Metodologia da Museologia e o Treinamento Profissional, quanto o simpósio com aspectos eco-museológicos sobre Museu-Território-Sociedade: novas tendências, novas práticas, organizado sob o patrocínio pessoal de Georges-Henri Rivière, que agora apoiava completamente a ação do Comitê, despertaram grande interesse. A distribuição antecipada de dois volumes, e três volumes impressos complementares, com os documentos do simpósio e comentários sobre os mesmos, foi recebida com caloroso reconhecimento – naquele momento, sem realizar que os participantes assistiam ao nascimento do *ICOFOM Study Series*, como foram chamados após o encontro. A discussão geral sobre as questões do Comitê, iniciada com minha apresentação no *Museological News No. 3* com uma Análise crítica das atividades do ICOFOM com conclusões e proposta para o trabalho futuro, intitulada *Diretrizes do ICOFOM 1983*, e confirmada por Villy Toft Jensen, Coordenador do Grupo de Trabalho de Programa, contribuiu para arrumar a casa e criar novas estruturas e mecanismos de trabalho. As eleições trouxeram à luz uma nova Diretoria e confirmaram “una você” meu mandato para liderar o Comitê como seu Coordenador de 1983 a 1986. A posição

do Comitê foi reforçada e ele pode seguir adiante para realizar o extenso programa acordado, no âmbito de uma nova e revista diretriz e missão.

Isto requeria, entretanto, que um modelo de trabalho apropriado fosse desenvolvido; que uma base material para a ação fosse assegurada; e que o interesse dos membros de participar ativamente no desenvolvimento dos programas fosse constante. Não se prometia um mar de rosas, mas sim suor e trabalho árduo - mas eu aceitei o desafio quando fui convidado a liderar o ICOFOM e sua ação.

A renovada reputação e a crença numa ação enérgica levaram ao crescente interesse de profissionais de museus a filiar-se ao Comitê, e de diferentes países em organizar seus *encontros anuais*. Além disso, com o reconhecimento de sua qualificada expertise e experiência, o Comitê foi em seguida convidado a preparar, em complemento a seus *simpósios, seminários* especiais de acordo com os interesses ou necessidades dos países anfitriões. Também muito apreciados eram os casos de estudo, preparados a partir de 1984, a pedido do Comitê, pelas autoridades, associações, organizações de museus e universidades para informar aos membros do ICOFOM sobre o estado da arte no respectivo país. Sua popularidade era grande porque, muito frequentemente, tornavam possível o debate entre os atores locais do campo e, com a participação dos especialistas internacionais, se podia checar a um panorama com sugestões para melhorias e soluções, coisa que de outra forma não teria acontecido. Finalmente, um *programa de conferências* especiais sobre projetos de interesse desenvolvidos pelos membros do Comitê, mas também por outros especialistas, eram organizados nos encontros a partir de 1985. *Excursões* eram não apenas um prazer, mas também um elemento útil, ligando a teoria à prática do trabalho em museus.

### **Ao redor do mundo de 1983 a 1989**

#### ***O programa internacional de pesquisa do ICOFOM, amplamente documentado nas pré-edições do Comitê, se desenvolve a pleno vapor***

É longa a lista de lugares que receberam o ICOFOM durante minha gestão como seu Coordenador, de 1982 a 1989:

Após o encontro Trienal em conjunto com a Assembleia Geral e a Conferência Geral do ICOM em 1983 (ISS nos. 1 a 5), o primeiro lugar foi Leiden, na Holanda, em outubro de 1984 (ISS nos. 6 e 7). Peter van Mensch e a Academia Reinwardt de Museologia (*Museologische Reinwardt Academie*) se ofereceram no lugar de Québec, Canadá, onde a promessa de receber o Comitê naquele ano para uma sessão sobre ecomuseologia não pode realizar-se. O encontro de Leiden, em contato com a famosa

Academia e apoio holandês em todos os níveis, foi mais do que apreciado. O simpósio *Coletando Hoje para o Amanhã*, uma sessão conjunta com o ICTOP sobre o caso de estudo das Políticas Holandesas para Museus, envolvendo uma viva discussão entre os holandeses presentes - o primeiro caso de estudo no programa do ICOFOM - foram as ações adequadas para fortalecer o Comitê tanto com relação aos seus membros como em sua divulgação.

O encontro em Zagreb, Jugoslávia, em outubro de 1985 (ISS nos. 8 e 9), comprovou a grande flexibilidade do Comitê ao desenvolver o simpósio *Originais e Substitutos em Museus*, um caso de estudo e outras atividades conjuntas. Uma importante contribuição para as reflexões durante o simpósio foi o painel de discussões entre diretores convidados e colaboradores de famosos museus do mundo que mostram cópias e reproduções em suas exposições. Outro aporte específico foram as contribuições de administradores de algumas respeitadas lojas de museus. Mme. Simone Besques, Conservadora em Chefe honorária do Museu dos Monumentos Franceses, que participou ativamente, foi inspirada a desenvolver o tema de forma mais ampla e realizou um grande simpósio em Paris em 1986, sobre reproduções de esculturas (*Casts/Lemoulage*), no qual fui convidado a introduzir a seção *Moldes como substitutos em museus*.

Em outubro de 1986, o ano da Assembleia e Conferência Geral do ICOM seguintes, nos reunimos em Buenos Aires, Argentina (ISS nos. 10 e 11). Neste evento, o simpósio sobre o tema *Museologia e Identidade* atraiu grande número de participantes, assim como o estudo de caso para o qual foram convidados profissionais de museus de todos os países da América Latina e Caribe. A surpresa, quase um choque, foi enorme, quando próximos a mim como Coordenador, representantes de quatorze Estados tomaram lugar no painel e informaram ao público - e uns aos outros, em muitos casos pela primeira vez - sobre suas atividades no campo dos museus, da museologia e do patrimônio.

Um encontro fora do programa, mas de grande importância para o trabalho continuado do ICOFOM e para a própria museologia, ocorreu em maio de 1986 em Alt Schwerin e Berlim, na República Democrática Alemã. Graças à compreensão dos organizadores e ao apoio que receberam das autoridades, pudemos reunir quinze especialistas de todo o mundo para concluir uma importante fase de nosso trabalho, iniciada com a discussão do primeiro número do MuWOP: *Museologia - ciência ou apenas trabalho prático?* Todos [estes profissionais] preencheram condições muito exigentes, tendo estudado e analisado com antecedência cerca de setenta diferentes



contribuições representando opiniões de todos os continentes, a partir das quais tiveram que tirar suas conclusões sobre a substância da museologia, considerando as bases de critérios para a ciência, de acordo com as teorias sobre o que constitui uma ciência. Eles chegaram com as declarações requeridas de 1 a 2 páginas cada um, e em quatro grupos de trabalho desenvolveram sua avaliação. O trabalho foi concluído na reunião de encerramento e escrito por Peter van Mensch no relatório final.

Quanto à continuidade dada pelo Comitê a esta avaliação, o seu encontro regular em setembro de 1987 em Helsinki-Espoo, na Finlândia, e em Estocolmo, Suécia (ISS Nos. 12-13), abordou o tema Museologia e Museus. Aqui, o Comitê concluiu sua posição de defender a museologia como disciplina científica. Informações valiosas foram também obtidas a partir dos casos de estudo em ambos os países. Dois seminários, preparados pelos membros do Comitê a pedido da Finlândia - *A necessidade de Museologia* - e da Suécia - *Centros Nacionais de Documentação - pilares de uma rede internacional de documentação em museus* - foram a contribuição do ICOFOM para reforçar a museologia nos respectivos países.

Neste encontro, o Vice-Presidente do ICOM, Alpha Omar Konaré, participando como membro do Comitê, fez uma interessante confissão para mim e para a museologia, ao final da recepção oficial, numa conversa pessoal com o Vice-Diretor do Escritório Central dos Sítios e Monumentos Suecos: *“a principio Vinos me procurava para olhar para esta ‘museologia’, e eu me perguntava ‘quem é este aborrecido’ [qu'est-ce que c'est que cet emmerdeur] mas então percebi que ele estava realizando algo muito importante”*. Em 1982, quando ele esteve conosco pela primeira vez, parecia cético a respeito de nosso interesse pela teoria, sobre nosso simpósio sobre *O Sistema da Museologia e a Interdisciplinaridade*, e sobre nossa habilidade de atingir nossas metas. Nos cinco anos seguintes, ele compreendeu nossa determinação e o significado da teoria e da reflexão em nosso trabalho - e buscou chegar até nós, como tantos outros.

O ano de 1988 levou o ICOFOM à Índia (ISS Nos. 14-15). Como compete a um país com uma superfície tão grande, viajamos em novembro de Hyderabad a Varanasi e finalmente a Nova Delhi, encontramos muitos colegas e também pessoas comuns, que nos deram uma boa base para o simpósio *Museologia e Países em Desenvolvimento - ajuda ou manipulação?* Muitos eminentes profissionais de museus e representantes de universidades do país participaram do estudo de caso sobre os museus na Índia, com um claro interesse em desenvolver, junto conosco, um documento para a melhoria dos museus, a ser apresentado ao governo.

Em meu último ano como Coordenador do ICOFOM, em agosto de 1989, participamos novamente da Assembleia e da Conferencia Geral do ICOM, reunidas na cidade de Haia, Holanda (ISS No. 16). O Comitê realizou seu simpósio sobre *Previsão - um dispositivo museológico? Museologia e Futurologia*; mas outras atividades interessantes também se realizaram: um seminário sobre Museologia e Preservação da Paisagem, uma sessão conjunta com o Comitê de Conservação sobre Preservação Dinâmica, e um estudo de caso sobre os museus de vizinhança holandeses. Um *Relatório das Realizações* durante os anos de 1977-1989 publicado, juntamente com o seminário, uma sessão especial e um estudo de caso, nas *Notícias Museológicas (Museological News)* No. 12, encerraram a primeira fase da vida do ICOFOM, e o meu período na sua Coordenação.

Após [este período] continuei com a editoria do ISS, com o volume No. 17, abrangendo documentos de trabalho do simpósio realizado em Livingstone e Mfuwe, Zâmbia, em outubro de 1990, sobre *Museus e o Meio Ambiente*; e o volume No. 19, relativo ao simpósio realizado em Vevey, Suíça, em outubro de 1991, sobre a *Linguagem das Exposições*.

Falando aqui, antes de tudo, sobre a Série de Estudos ICOFOM (*ICOFOM Study Series*) ao longo dos anos 1983-1991, chegamos ao ponto em que estatísticas obrigatórias devem ilustrar a ação em dados mensuráveis: as atividades científicas dos simpósios do Comitê abrangiam totalmente dezenove volumes do ISS (Nos. 1 a 20, sendo que o No. 18 ainda não foi publicado). Desta considerável produção dezessete foram volumes editados e publicados por mim, um (No. 19) editado por mim e publicado por Martin Schärer, e finalmente um (No. 20) abrangendo as atas do simpósio de 1991 foi editado e publicado por M. Schärer, que dará continuidade a essa responsabilidade para com o ISS. Os dezoito volumes pelos quais fui responsável, somam 3.092 paginas, incluindo 267 documentos básicos, 68 comentários e 33 documentos introdutórios, ou, essencialmente, sumários. Esta é uma produção científica, com a qual, com toda certeza, nenhum outro comitê do ICOM pode competir.

***O ICOFOM se envolve em discussões próprias e com as diretrizes e estrutura do ICOM, e com a ação pluridisciplinar e multifuncional dos museus***

Contribuições para outras atividades nos encontros do Comitê, abordando temas correntes da museologia em seminários, sessões especiais, programas de conferencias e estudos de caso, apareceram desde 1985 no boletim do Comitê

*Museological News*, iniciando-se no No. 8. Além disso, documentos interessantes enviados ao Editor também foram publicados ali. Nos números anteriores, do No. 1 ao No. 8, e mesmo hoje, o boletim foi um fórum para apresentação e discussão livre sobre propostas relativas às questões constitutivas do ICOFOM - objetivos e diretrizes, programas trienais e de longo prazo, normas. O boletim teve assim importante papel na recuperação do Comitê a partir de 1983, e mais tarde ajudando a disseminar experiências e conhecimentos. Distribuído gratuitamente para todos os membros do Comitê - que em 1989 já contava com mais de mil membros - e para outros colaboradores, Comitês do ICOM, etc., foi um importante instrumento de publicidade e marketing para o ICOFOM.

Além disso, ele preservou, de maneira verdadeiramente museológica, como posso hoje avaliar, ao escrever a história do Comitê, o resultado do trabalho conjunto da fraternidade museológica de todo o mundo, durante aquele período.

O ICOFOM também deu atenção a todos os debates e acontecimentos correntes relacionados aos museus, à profissão museológica e a sua organização internacional, o ICOM. O ICOFOM focalizou aspectos museológicos de problemas advindos de confusões sobre a relação entre a teoria e a prática, incluindo a necessidade de teoria no trabalho museológico, e das inflamadas discussões sobre os ecomuseus e a nova museologia. O Comitê analisou o papel da museologia e dos museus neste processo, estudou os mal-entendidos baseados nas diferentes condições históricas, geográficas, etnográficas, culturais, econômicas, políticas e outras, das diferentes comunidades do mundo, e no acelerado processo de desenvolvimento da sociedade humana que seguiu a profundas mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais. O ICOFOM buscou soluções para lidar com grandes obstáculos na comunicação profissional, nacional e internacionalmente, causados pela falta de uma terminologia museológica e por problemas linguísticos, entre outros.

Para ilustrar como pode ser difícil convencer céticos à necessidade lógica - como cremos - de teoria (i.e., de museologia) no trabalho em museus, apresento a seguir uma história mostrando o que pode ocorrer:

Em 1985 fui convidado pelo Editor de *Museum*, a reconhecida revista publicada pela UNESCO, a participar de um encontro do Comitê Editorial daquela revista e apresentar uma proposta para um número de *Museum* dedicado à museologia. Uma tarefa agradável e estimulante para um promotor da museologia, pensei, e compareci à sessão. A Paris, para a Casa da UNESCO!

Infelizmente, as constelações astrológicas devem ter sido muito desfavoráveis naquele dia. O Coordenador da reunião, por acaso um velho amigo e líder eminente do ICOM, ao dar-me a palavra introduziu a questão declarando que considerava difícil compreender porque nós, profissionais de museus que trabalhamos com objetos, necessitamos uma teoria. Outro membro honorável do comitê [editorial] temia que a museologia não pudesse ser ilustrada por imagens atraentes, as quais os leitores de *Museum* estavam acostumados a encontrar na revista!

Podem imaginar minha alegria com relação a esses comentários encorajantes “sobre o coração da matéria”, por assim dizer - especialmente após haver ouvido nas discussões anteriores, a longa lista de assuntos a serem abordados por *Museum* nos muitos anos vindouros. Ainda assim, com a *pro memoria in re*<sup>7</sup> nas mãos, publicada em *Museological News*, entrei na luta. A situação não era muito esperançosa quando, quase inesperadamente, recebi apoio do Presidente do Conselho Internacional de Sítios e Monumentos (ICOMOS). Notando que ele reconhecia a situação e os comentários, que são os mesmos ouvidos em seu campo, fez uma entusiástica defesa e apologia sobre a necessidade de teoria no campo do patrimônio, incluindo os museus e seu trabalho.

A sorte havia mudado - e a contagem final do placar espelhou o curso do jogo, perdão, da sessão. A nós, do ICOFOM, foram prometidas, sem uma firme convicção, cerca de quinze páginas em número a ser publicado dentro de alguns anos, quando chegasse a nossa vez! Que cálido apoio à museologia e seu Comitê, dado pela sua própria organização profissional, e revista! - Disse a mim mesmo a aos que se sentavam próximos a mim, e retornei à Suécia e ao mundo exterior.

Como muitas outras histórias, mesmo essa foi certamente esquecida pela maioria dos participantes desse encontro histórico antes que deixassem a sala – menos por mim. Para os que se interessem, a *Proposta ao Conselho Consultivo Editorial de Museum, UNESCO – Paris: Algumas reflexões sobre a necessidade de apresentar o pensamento teórico da museologia aos leitores de Museum, junho de 1985*, pode ser encontrada em *Museological News* No. 8 (1985). A discussão sobre o tema, ou parte dela, está agora preservada neste documento como parte da história do ICOFOM.

Ainda outro documento, denominado *ICOFOM e ICOM. Proposta ao Conselho Consultivo do ICOM (AC) sobre o sumário de ideias, visões e recomendações dos*

---

<sup>7</sup> *Pro memoria in re*. Expressão latina, aqui usada com o seguinte significado: com a prova tangível, com a memória. [N.T.]

*Grupos de Trabalho ao AC sobre a estrutura e diretrizes do ICOM e sobre a harmonização dos Estatutos e Normas por Vinos Sofka* está para sempre preservado em *Museological News* No. 11 (1988). É um testemunho do envolvimento do ICOFOM e de seu Coordenador nas questões do ICOM, relativas às tentativas [feitas] nos anos 1983-1989 para implementar a democratização, descentralização, regionalização e profissionalização da Organização, por meio da revisão e renovação de seus Estatutos.

Finalmente, todos os atos relativos à história do ICOFOM podem ser encontrados em *Museological News*, que apareceu em 1983 como um simples boletim informativo publicado por Georges-Henri Rivière (Nos. 1-2), e a seguir nos folhetos amarelos distribuídos por mim (Nos. 3-12, cerca de 1.100 páginas) e posteriormente, na informação impressa feita por meu sucessor Peter van Mensch (1989-1993) e seu sucessor Martin Schärer (desde 1993).

Às vezes, poder-se-ia escutar: tanto papel, para que? Agora, ao folhear “meus” folhetos amarelos, a cor dos *Museological News* (Nos. 3-12), daquele tempo, sinto-me satisfeito por haver preservado neles, em preto e branco, nossa história comum. Acreditem-me, é excitante ler sobre nossas questões comuns daqueles dias calorosos da juventude do ICOFOM.

**6. O ICOFOM atrás da cena: um olhar para a cozinha do Comitê e sobre como o ‘goulash’ museológico servido aos profissionais de museus em muitos pratos locais, muitas vezes tão substancialmente diferentes que sua origem comum, se existente, tornada irreconhecível e, em muitos casos, sem uso e até pouco saudável, foi refinada, extraíndo-se sua verdadeira essência museológica e fazendo sobressair seu raro e delicioso sabor com temperos museográficos; e como o Comitê teve um Chefe e muitos cozinheiros**

Muito já foi dito aqui sobre o curso dos fatos sobre a Museologia e os museus e sobre os empreendimentos do ICOFOM, especialmente documentados no ISS - mas as ideias que os fundamentam, as reflexões sobre como investigar a verdade sobre a essência museológica da forma mais objetiva possível, sobre sua utilidade e aplicabilidade na vida cotidiana num mundo extremamente complexo com uma sociedade humana complexa, e numa igualmente complexa instituição museu, ou campo patrimonial, permanecem intocadas até o presente, a salvo da luz do dia.

Levantemos a cortina e olhemos juntos - aqueles que lá estavam quando tudo começou e recordam o período da descoberta, e os que vieram depois ou são

completamente novos em nossa irmandade museológica e, portanto, não tem conhecimento sobre o fundamento de nosso trabalho e sobre o completo processo de pesquisa que desenvolvemos – sobre a situação que encontramos quando decidimos levantar a tampa do caldeirão do goulash da museologia, que herdamos:

### ***Museologia – a principal questão do Comitê***

O termo museologia não era novo nos anos 1970. Usado frequentemente pela profissão, remontava aos anos 1880, quando no periódico *Zeitschrift für Museologie und Antkvitätenkunde* publicado em Dresden, Alemanha, seu Editor Dr. J. G. Th Graesse apresentou, em 1883, o estudo *Die Museologie als Fach wissenschaft*. A museologia, entretanto, a despeito do otimismo de Graesse, não atingiu o estágio de um conceito amplamente aceito. Foi recusada por muitos, e reconhecida por outros como trabalho prático em museus. A museologia foi também considerada a arte, ou a teoria ou filosofia do campo, por um limitado círculo de pensadores em algumas poucas instituições, os quais se dedicaram a estudar e promover este conceito.

Na época do estabelecimento do Comitê Internacional do ICOM para a Museologia (ICOFOM) pela Conferencia Geral do ICOM, em 1977, esta incerteza, e muitas vezes até agressão contra a necessidade de teoria, levou a evitar-se uma definição e a falar-se sobre o *campo de atividade profissional*.

Eis aqui algumas pérolas da enquete sobre *O que é a museologia*, feita em 1975 por Villy Toft Jensen, segundo os seus autores de diferentes países europeus. De acordo com eles, “museologia é” - ou seja, naquele momento, “era”:

- um esboço do desenvolvimento dos museus e do trabalho em museus
- pesquisa sobre o atual papel dos museus, suas funções como instituições publicas com funções educativas, de pesquisa e documentais
- pesquisa sobre as relações entre museus e públicos e sobre a estrutura interna do museu
- o propósito das atividades museológicas em museus individuais
- preparação de recomendações para classificação e documentação científica de objetos de museus
- ensaios sobre os usos possíveis de modernos implementos técnicos, tais como computadores, no trabalho em museus

- preparação de novas e econômicas exposições técnicas
- implementação de seminários sobre conservação e restauração
- preparo de exposições experimentais para testar as possibilidades do museu como meio educacional, a fim de examinar o comportamento do visitante
- por que e para quem estamos coletando, e quais os princípios de seleção deverão ser usados
- o equilíbrio entre objeto - imagem - informação
- questões de nomenclatura
- sistemas de busca
- o estudo de:
  - objetivos básicos dos museus (quaisquer fossem suas especialidades disciplinares)
  - o papel do museu na comunidade
  - o 'campo básico' nas funções de museus de todos os tipos.

Por mais importante que os aspectos tecnológicos possam ser, parece apropriado chamar atenção especial para os problemas fundamentais com os quais os museus hoje se confrontam. Em geral esses problemas não são adequadamente compreendidos, mas influenciam diretamente a política de museus, tanto no contexto nacional como internacional, já que são de essencial importância. Parece ser tarefa particular da pesquisa museológica dedicar especial atenção à elucidação dessas questões fundamentais e chegar a um melhor entendimento sobre a sua influência básica no desenvolvimento de uma política de museus.

A mesma complexa e confusa situação surgiu no segundo encontro [do Comitê], o primeiro encontro de trabalho do ICOFOM, na Polônia, em 1978 em que eu, curioso como novo membro que desejava e esperava esclarecimentos, coloquei para os especialistas mundiais ali reunidos a questão fatal: O que é museologia?

Quando iniciamos nossas atividades em 1978, e durante muitos anos, não tínhamos um conceito comum nem sobre os museus nem sobre a museologia. A linguagem profissional comum, terminologia, reconhecida pela profissão, não existia, limitando a comunicação real. Tínhamos que pedir a todos os contribuintes de nossos

simpósios que sempre apresentassem na introdução [de seus trabalhos] seu conceito de museologia e desenvolvessem e apresentassem a terminologia que utilizavam.

Mesmo a pesquisa feita em 1983 sobre o mesmo tópico, organizada pelo departamento de museologia do Museu da Morávia em Brno, Tchecoslováquia, e seu diretor Zbynek Z. Stránský, na ocasião do jubileu do centenário de publicação do artigo fundamental de Graesse, ilustrou uma “disputa” ainda existente entre os anti-museologistas e um novo amplo e mais forte grupo de profissionais de museus a favor da museologia, entre os quais vários sérios pesquisadores internacionais.

O ponto de partida do ICOFOM *in re*<sup>8</sup> museologia havia sido, assim, mais ou menos definido: a fim de poder desenvolver e adaptar a museologia às mutáveis condições contemporâneas, distribuir conhecimento sobre a mesma e ajudar o desenvolvimento museológico, sabendo o que é a museologia, necessitava-se abrir uma ampla discussão internacional e o Comitê deveria tornar-se o fórum para isto. Devido à incerteza, e tensões óbvias, foi necessário começar sem nenhum conceito pré-estabelecido: os argumentos, baseados nos critérios declarados pela teoria da ciência, deveria ser decisivos para resolver a questão que era o principal tópico do recém-criado periódico *Museological Working Papers: Museologia - ciência ou apenas trabalho prático em museus?* Estas e outras medidas foram propostas em minha contribuição *Pesquisa sobre e no Museu* na sessão polonesa, e publicada no primeiro volume dos documentos científicos do ICOFOM (antes do ISS).

### ***ICOFOM - um grupo de voluntários***

Éramos um comitê internacional de voluntários associado ao ICOM, uma organização internacional não-governamental. Neste quadro nos encarregamos da pesquisa em museologia.

Como tais, não tínhamos uma base sólida (apenas a de nosso Coordenador), nem equipe (apenas os membros ou a Diretoria, vivendo em diferentes partes do mundo), nem espaços, equipamento ou material... e nem recursos financeiros, vivendo apenas com a pequena subvenção do ICOM<sup>9</sup>. Um comitê internacional do ICOM depende de como seu Coordenador “possa administrá-lo” por meio de sua instituição ou país. Isto é algo geralmente conhecido e reconhecido *in silentio*<sup>10</sup>, como um problema insolúvel.

<sup>8</sup> *in re* – termo latino que significa ‘para a coisa’ ou, no caso, ‘para a causa’ [N.T.]

<sup>9</sup> Naquele momento, o ICOM assignava uma pequena subvenção a cada comitê internacional, baseada no número de membros votantes dos comitês [N.T.]

<sup>10</sup> *In silentio* - expressão latina que significa “em silêncio” [N.T.]



Éramos um pequeno comitê no início de nossas atividades, mas crescemos imensamente quando as desenvolvemos. Foi muito agradável – mas o aumento do número de membros trouxe problemas econômicos. Quanto mais éramos, menos recursos tínhamos, proporcionalmente. As subvenções do ICOM eram dadas apenas aos membros votantes dos comitês internacionais, e esses não eram muitos no ICOFOM. Éramos novos e as pessoas se juntavam a nós devido ao seu interesse, sem abrir mão de sua condição de membros votantes de outros comitês mais antigos do ICOM. Nem todos os nossos membros eram museólogos convictos. E nem todos os grandes museólogos conhecidos eram membros do Comitê.

Sabíamos, é claro, de pesquisadores que, por sua própria conta, ocupavam-se com reflexões teóricas em seus campos, e estávamos informados sobre as poucas instituições nacionais de pesquisa que desenvolviam estudos museológicos.

Tendo estado vinculados a um corpo relacionado aos aspectos teóricos, e respeitando as responsabilidades de outros comitês, não podíamos nos inserir no seu campo apenas para “realizar atividades práticas orientadas”, como nos foi solicitado de tempos em tempos, e especialmente nos primeiros anos após nossa criação, por aqueles que duvidavam da necessidade de teoria no trabalho em museus.

Isto hoje não parece ser um problema, mas foi um pesadelo real no início de nossas atividades, quando muitos deixavam de lado a museologia, a teoria e com ela o Comitê sem nenhuma discussão.

Declaramos abertamente que nós, e todos os outros no campo, usamos frequentemente o termo museologia, mas não possuímos sobre ela um conceito comum. Simplesmente não sabíamos o que é a museologia, e decidimos descobri-lo. Agora tudo isso parece, ao ser colocado linha a linha no papel, muito lógico e simples, mas este não era o caso quando nos conhecemos pela primeira vez e iniciamos nossas reflexões. A questão da museologia era um problema muito acalorado, colocando em movimento nossas emoções.

### ***E nasceu a Série de Estudos ICOFOM***

Os simpósios anuais do ICOFOM eram o núcleo de nossa pesquisa pelo fundamento filosófico da museologia. Quando os primeiros números foram preparados para o simpósio de Londres em 1983, o ISS tornou-se o modelo de trabalho para desenvolver a pesquisa sobre e em museologia. Todos os membros do ICOFOM, e também os não-membros, podiam participar através de seus documentos, tanto “em espírito” como “em pessoa”.

A metodologia era simples: uma chamada para trabalhos se realizava um ano antes do simpósio via *Museological News*, sobre um tema museológico selecionado de acordo com um ciclo de longo prazo, com questões identificadas pelo Comitê entre os fundamentos da museologia. Um editorial [intitulado] “O tema e sua estrutura” delineava o tópico em suas partes essenciais, que os membros podiam abordar como desejado. O deadline para receber os trabalhos em Estocolmo era definido em três meses antes do encontro, que sempre se realizava.

O Coordenador, sem nenhuma alteração editorial<sup>11</sup>, reunia as contribuições recebidas em um número do ISS que era distribuído pelo menos dois meses antes da data do simpósio, convidando a comentários sobre os mesmos. Esses comentários e análises dos ‘papers’, bem como as contribuições tardias, eram publicados em um novo número do ISS, preparado para o mesmo encontro e distribuído com um mês de antecedência.

Dois a quatro analistas recebiam a tarefa de estudar os documentos de trabalho relativos a um dos sub-tópicos, e recebiam tais documentos tão logo fossem recebidos. Durante o simpósio iniciavam as sessões apresentando as análises aos participantes, que - munidos de suas cópias do ISS, suas opiniões, conceitos e visões - enriqueciam e davam continuidade ao debate. O Comitê prosseguia buscando o significado da museologia.

Tendo lido a história do ISS, um leitor ordinário, não-membro do ICOFOM, poderia ficar impressionado, interessado, ou ambos - ou ainda entediado. Mas, para nós que vivenciávamos a experiência, este foi um período emocionante.

Estocolmo, abril de 1995

(Traduzido por T. Scheiner em março de 2016.

Tradução para o português e publicação em *Museologia e Patrimônio* autorizadas pelo Presidente do ICOFOM)

---

<sup>11</sup> O autor quer dizer aqui que os artigos eram publicados exatamente como recebidos, sem nenhum trabalho de correção e/ou normalização [N.T.]